

Ensaaios sobre O Livro dos Espíritos

Primeiro triênio
Questões 1 à 133

COLETÂNEA DE ARTIGOS PUBLICADOS NO
JORNAL CORREIO ESPÍRITA - Dez/2013 à Nov/2016

Claudio C. Conti

Índice

Prefácio	3
Considerações sobre Deus e o Espírito	4
Deus Único	6
Princípio das Coisas	8
Matéria	10
Espírito	12
Fluido Universal	14
Propriedades da Matéria	16
Tudo Está em Tudo	18
Espaço Universal	20
Formação dos Mundos	22
Formação dos Seres Vivos	24
Povoamento da Terra	26
Diversidade das Raças Humanas	28
Pluralidade dos Mundos Habitados	30
Animais de Júpiter	33
Planetas e mundos	36
O Átomo de Carbono	38
Fluído Vital	40
Matéria Viva	42
Estados da Matéria	44
Instinto e Sentimento	46
A Inteligência	48
Origem dos Espíritos	50
O Mistério da Origem dos Espíritos	52
Mundo dos Espíritos	54
Forma do Espírito	58
Ubiquidade dos Espíritos	60
Perispírito	62
Perispírito e Mediunidade	64
Ordens dos Espíritos e a Afinidade Psíquica	66
Os Demônios	68
Níveis da Evolução	70
Bem, Mal e Ignorância	72
Origem e Perfeição do Espírito	74
Objetivo da Encarnação	76

Prefácio

Temos a grata satisfação de, mensalmente, enviar um texto de nossa autoria para ser publicado no Jornal Correio Espírita, periódico mensal editado tanto na versão em papel quanto digital, ao qual somos profundamente agradecidos pela oportunidade de divulgar o resultado de nossos estudos.

Ao iniciar esta série de artigos, ponderamos a respeito dos temas que poderiam ser abordados. Diante da tarefa ao qual nos propúnhamos, optamos por seguir a mesma ordem apresentada por Kardec em O Livro dos Espíritos.

Esta abordagem, pressupomos, seria interessante em alguns aspectos. Primeiramente seria uma fonte muito ampla de temas e, além disso, uma oportunidade de ponderações e reflexões aprofundadas sobre esta obra de tamanha importância para o espírita.

Ao final do terceiro ano de artigos publicados, verificamos que formava o corpo de um livro de estudo e reflexões sobre temas espíritas e, como seguia o livro de referência base, O Livro dos Espíritos, serviria de fonte de estudo.

Assim, este livro tomou forma e esperamos que seja útil.

Claudio de Carvalho Conti
Novembro 2016

Dezembro 2013

Considerações sobre Deus e o Espírito

Na questão primeira d'O Livros dos Espíritos, Kardec questiona os espíritos sobre o que, e não quem, seria Deus, deixando claro que seu interesse seria a estrutura da divindade em si e não o que ele representa.

No sentido de esclarecer um pouco mais sobre como foi estruturada a pergunta, podemos utilizar o exemplo de uma empresa. Se perguntarmos quem é o presidente, obteremos como resposta um nome que representa alguém que, por sua vez, ocupa o cargo relativo à presidência da empresa.

Porém, se perguntarmos o que é o presidente, obteremos como resposta se tratar de uma pessoa, podendo haver maiores esclarecimentos, tais como sexo, idade, jovialidade, capacidade para o cargo, até mesmo, eventualmente, o nome. Portanto, estaremos interessado na estrutura e características.

Assim, podemos deduzir que, quando propôs a pergunta, Kardec estava interessado no que consiste a divindade e/ou suas características principais no intuito de aprimorar o entendimento daquilo que representa o que denominamos de "Deus".

A resposta, todavia, não poderia ser mais contundente, concisa e precisa, apesar de não explicitarem a estrutura em si. Ao dizerem que "Deus é a inteligência suprema" deixam claro a Kardec e, conseqüentemente, a todos nós que estamos tratando de entender um "ser" ou "algo" cuja característica principal é ser inteligente em grau máximo. Desta forma, fica claro também a dificuldade que encontraremos na busca da compreensão deste ponto em particular, pois se há um abismo entre duas pessoas quando uma está em um nível, sobre um tema qualquer, muito superior que a outra devido a falta de recursos desta, apenas para fins de comparação, é impossível explicar o cálculo matemático de derivadas ou integrais para aquele que não sabe, sequer, a tabuada, quanto mais quando relacionado com a divindade.

Na continuação da resposta temos que, além de "inteligência suprema", também é a "causa primária de todas as coisas", deixando claro que tudo o que existe, conhecido ou não, neste e noutros universos, é decorrente desta inteligência que, sendo "suprema", fará ou criará tudo com perfeição compartilhando, assim, de seus atributos. Este conceito é apresentado novamente por Kardec no livro A Gênese, mais precisamente no Capítulo II.

Contudo, devemos considerar que nem tudo é criação direta de Deus, pois seus filhos, os espíritos, podem atuar no fluido cósmico pelo pensamento como apresentado também no livro A Gênese, desta vez no Capítulo XIV, pelo processo de criação fluídica cujo resultado também compartilha dos atributos do espírito responsável pela "criação".

A perfeição na permissão dada por Deus para a criação fluídica por parte dos espíritos estaria exatamente no compartilhamento dos atributos deste, pois deverá, obviamente, repercutir nele as características boas ou más daquilo que criou, fazendo, portanto, que cada um aprenda com seus próprios pensamentos e atos, num

aprimoramento contínuo e sem solução de continuidade por ser uma processo intrínseco ao espírito.

Na questão 23 de O Livro dos Espíritos, Kardec questiona, similarmente à pergunta de número um, sobre o que seria o espírito, obtendo como resposta se tratar do "princípio inteligente do Universo"; não é suprema, é passível de se aprimorar.

Desta forma, podemos concluir que por "espírito" entende-se que se trata de um processo, semelhante ao que ocorre na condição de encarnado, iniciando sua jornada na infância e se aprimorando com o passar do tempo, porém em escala muito maior, enquanto que Deus não se trataria de um processo, Ele simplesmente "é", assim, um ser cuja característica principal é estar ou ser um "processo" poderá compreender os que lhe são semelhantes, todavia, carece de recursos intelectuais para compreender o que lhe é diferente.

Janeiro 2014

Deus Único

No primeiro capítulo do livro A Gênese, Kardec trata das três principais revelações, que são as de Moisés, de Jesus e do Espiritismo. Com relação as revelações de Moisés, podemos dizer que a mais importante seria o conceito de Deus único trazido no seio de um povo politeísta e que passou a servir de norte para questões concernentes à divindade, simplificando as práticas de adoração.

Conceitos relativos a Deus sempre serão de difícil entendimento para o espírito ainda não evoluído, pois não se tem uma experiência concreta logo de imediato, são conceitos abstratos que devem ser elaborados e desenvolvidos através de práticas religiosas para, depois de exercitadas, serem aplicadas na vida cotidiana. Atingindo a plenitude a experiência de Deus, este deixa de ser abstrato para ser concreto, momento em que surge a certeza de sua existência e não mais a pura crença.

Em decorrência desta dificuldade, a crença na existência de vários deuses acarreta uma complexidade ainda maior, cuja extensão dependerá do número de deuses em que se crê existir, pois, invariavelmente, haverá discussões e conflitos acerca de qual seria o melhor e maior, tipo de rituais, preferências pessoais, etc.

As dificuldades decorrentes deste tipo de crença é melhor compreendida quando comparamos o comportamento humano diante dos times de futebol e partidos políticos, onde, muitas vezes, perde-se o controle e reações mais arbitrárias ocorrem, quando não violentas.

Todavia, apesar de convivermos com a revelação do Deus único por mais de quatro mil anos, ainda encontramos comportamento politeísta em grande escala na parte ocidental do planeta. o grande problema atualmente não é a crença politeísta de agrupamentos e povos como na época de Moisés, mas por ocorrer a nível de países.

Desde algum tempo até os dias atuais a questão principal deixou de ser o politeísmo claro, consistindo de diferentes deuses representando coisas específicas, mas um politeísmo velado, muitas vezes com um único nome ou representando definições semelhantes, mas conceitos que podem ser muito diferentes. Se tornou comum ouvir frases do tipo: "creio em deus, mas não no deus das religiões"; "o deus desta ou daquela religião", etc, demonstrando a existência de variados conceitos acerca da divindade.

Encontramos comportamento politeísta entre grandes religiões de origem comum no ocidente, com cada uma considerando "possuir" o deus mais forte e mais sábio. Destas divergências de opinião surge a intolerância religiosa, da mesma forma que a intolerância política ou do futebol, chegando a culminância das guerras em nome destes diferentes conceitos de deus.

Desta forma, pode-se até considerar o monoteísmo vigente no seio dos adeptos de uma mesma religião ou vertente de pensamento, mas existe a multiplicidade entre as diferentes religiões ou vertentes de pensamento.

Percebe-se, portanto, que a vivência em acordo com o conceito de Deus apresentado por Kardec no capítulo dois do livro A Gênese, isto é, uma postura pacífica e pacifista perante a vida e os outros, é muito mais adequado do que a crença ou não da existência de Deus, como se tem a possibilidade de se verificar em adeptos de certas vertentes filosóficas.

Esta abordagem não contradiz com os ensinamentos de Jesus, pois, segundo ele, os mandamentos podem ser resumidos em dois: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo". Devido à semelhança dos dois conceitos, alguém somente pode amar a Deus se amar ao próximo, assim sendo, quem ama ao próximo, por definição, também amará a Deus independentemente da sua crença.

Nos escritos de C. G. Jung disponibilizados há poucos anos no livro conhecido como O Livro Vermelho, encontra-se uma colocação muito interessante e que pode perfeitamente ser entendido à luz dos mandamentos segundo Jesus. Diz Jung: "Ninguém possui meu Deus, mas meu Deus possui a todos, inclusive a mim. Os deuses de todas as pessoas individuais possuem sempre todas as outras pessoas, inclusive a mim mesmo".

Quando a humanidade chegar a condição de compreender que a interpretação pessoal de Deus deve considerar que Ele ama a todos indiscriminada e independentemente de qualquer outra coisa será possível, finalmente, contar este como figurando entre os mundos de regeneração.

Bibliografia

A. Kardec; A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo; 36ª edição, FEB, [1868] 1995.

C. G. Jung; O Livro Vermelho - Liber Novus; 2 edição, Editora Vozes, 2013, pg 155.

Fevereiro 2014

Princípio das Coisas

Provavelmente o homem tenha sentido, desde que nele se estabeleceu a consciência do eu, a necessidade de saber como tudo começou, entender a origem e o funcionamento.

Na antiguidade, quando muito pouco se sabia e se poderia compreender, pois o conhecimento é um processo continuado, elaborado e aprimorado ao longo do tempo, surgiu o que é conhecido como O Velho Testamento, mais precisamente o livro Gênesis. Neste livro, mais histórico que religioso, encontramos os primórdios de uma explicação sobre o aparecimento das coisas, nele, o evento que deu surgimento de tudo que se poderia conceber recebeu o nome de "Deus" e o processo criativo foi descrito como sendo comandos verbais, tal como "Faça-se a luz".

O tempo passou e o homem foi observando e aprendendo. Surgiu a ciência mais organizada com os gregos, estabelecendo o procedimento através do qual os fenômenos estudados eram explicados através de leis devidamente formuladas e documentadas para posterior referência. Como é de se esperar, nem sempre as leis eram corretas ou precisas, necessitando de depuração posterior.

Quando o final do século XIX se aproximava, o homem, em decorrência da pouca visão e do orgulho, acreditava ter descoberto tudo que havia para ser desvendado. Todavia, neste mesmo período, como consequência de certos experimentos, teve início o que foi chamado de Física Quântica, mudando tudo que se pensava acerca dos fenômenos materiais, causando uma verdadeira revolução do conhecimento. Importa ressaltar que muitas das descobertas e observações da Física Quântica ainda são uma incógnita, mesmo para os cientistas da área.

Cada vez mais a ciência busca compreender o princípio das coisas, construindo equipamentos e procedimentos de complexidade crescente. Podemos citar como exemplos o telescópio Hubble que orbita a Terra "observando" os eventos em grande escala na amplidão do espaço e, por outro lado, o LHC - Large Hadron Colider, o maior acelerador de partículas já construído, "observando" os eventos em pequeníssima escala no microcosmo das partículas, visando reproduzir o que ocorreu nos momentos iniciais do surgimento do universo conhecido. Muito já foi conquistado, todavia, ainda resta uma grande distância a percorrer.

Com o avanço do conhecimento, podemos afirmar com alguma segurança que a criação do universo, pelo menos este que é denominado de "conhecido", não obedeceu a comando verbais. Todavia, muitos ainda creditam este processo diretamente a Deus .

Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, como apresentado na questão primeira d'O Livro dos Espíritos, não podemos deixar de considerar que tudo existe por causa Dele, mas isto não significa que em tudo tenha tido Sua ação direta, caso contrário, qual seria a atribuição dos espíritos?

Com o advento da Doutrina Espírita, tomamos conhecimento da teoria dos fluidos. Esta teoria nos diz que toda matéria é formada por fluido e que este sofre ação do pensamento dos espíritos na formação de corpos materiais. Desta forma, podemos compreender que a formação do universo conhecido esteja atrelado ao trabalho mental de espíritos elevados sobre o fluido, como bem informa o espírito André Luiz no livro *Evolução em Dois Mundos* no que denominou de "co-criação em plano maior", estabelecendo, assim, a imanência de Deus na formação do nosso universo.

O "princípio das coisas", portanto, vai muito além do que nos cerca na imensidão do espaço, contudo, cabe ao homem estudar o que lhe está ao alcance para aprimorar seu entendimento e discernimento, com isso, também ocorrerá a evolução moral que o possibilitará cada vez mais adentrar na obra da Criação e, conseqüentemente, desvendar muitos dos mistérios que ainda nos são ocultos.

Todavia, é preciso lembrar que o trabalho de compreensão cabe a todos, e não apenas aos cientistas, como bem alertou o Espírito de Verdade e que consta n'O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo", e ainda nos alerta sobre equívocos que foram inseridos como sendo parte da Doutrina de Jesus ao dizer: "No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram".

Bibliografia:

___; Bíblia de Jerusalém – Nova Edição, Revista e Ampliada; Paulus Editora, 2002.

Kardec, Allan; A Gênese; 37a. edição, FEB, 1996.

___; O Livro dos Espíritos; 77a. edição, FEB, 1997.

___; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112a. edição, FEB, 1996.

Março 2014

Matéria

O conceito de matéria foi sendo modificado e aprimorado ao longo do tempo. Podemos ressaltar a teoria elaborada por Demócrito, no século V a.C., como a grande mudança de paradigma com relação a este assunto; teoria esta, mais filosófica que decorrente de observações, que descrevia os corpos como sendo constituídos de blocos infinitamente pequenos e indivisíveis que foram denominados de "átomos".

Teorias mais decorrentes de experimentações foram desenvolvidas com o passar do tempo, surgindo o conceito de Thomson e, depois, de Bohr, que trataram destes "blocos de matéria" - os átomos.

A ideia reinante até o início do século XX, era o modelo atômico concebido por J.J. Thomson, físico inglês, no qual as cargas elétricas ficavam distribuídas aleatoriamente em uma massa consistente e uniforme.

Podemos visualizar esta concepção do átomo como algo parecido com um panetone, o tipo de pão que é normalmente comercializado na época natalina, no qual são acrescentadas frutas cristalizadas e passas a massa que, durante a mistura e cozimento, vão ocupando lugares aleatoriamente, sendo que, ao final, estarão mais ou menos uniformemente distribuídas. As frutas cristalizadas e passas representam os elétrons. Nesta condição, os corpos eram considerados sólidos compactos, totalmente preenchidos por matéria.

Com as conclusões de Rutherford, físico neozelandês, e complementadas por Niels Bohr, físico teórico dinamarquês, que deduziram uma teoria que harmonizava, em parte, todos os resultados obtidos com os vários experimentos que foram realizados, a concepção do átomo foi substituída. Surge, então, o modelo atômico de Bohr: um núcleo central contendo as cargas positivas com os elétrons girando em seu entorno.

A enorme diferença é que, com nova concepção do átomo, a matéria deixa de ser considerada compacta, para ser constituída, em sua maior parte, por espaços vazios.

Recentemente foi divulgado que pesquisadores do acelerador de partículas localizado entre a França e Suíça, o LHC (Large Hadron Collider) confirmaram, dentro de certo grau de certeza, partículas cujo comportamento foi descrito na década de 1960. Estas partículas são conhecidas como "Bóson de Higgs" em homenagem ao desenvolvedor da teoria, o cientista Peter Higgs.

A teoria diz que, após o surgimento do nosso universo conhecido, houve a formação de um campo, o campo de Higgs, e suas partículas portadoras, os bósons de Higgs. Este campo e, conseqüentemente, as partículas portadoras são responsáveis pela propriedade de partículas apresentarem massa.

Desta forma, percebe-se que a massa não é uma propriedade inerente da matéria, haja vista que existem partículas que não interagem com este campo e, portanto, não apresentam massa.

Se juntarmos a este, outro conceito já consolidado, como a Teoria Restrita da Relatividade, onde diz que o espaço e o tempo também não são entidades físicas imutáveis, teremos a base do conceito espírita sobre a ação do pensamento sobre o fluido como sendo responsável pela estruturação da vida material. Em outras palavras, é a base da teoria dos fluidos.

No movimento espírita é comum ouvir que a matéria é formada por fluido, porém muitas outras coisas não são consideradas nesta colocação, tais como o próprio espaço, o tempo, as forças e, porque não dizer, a massa. Portanto, devemos ter muito cuidado ao dizer que o fluido é matéria, pois este pode se apresentar de diversas outras formas, tais como espaço e tempo, que não apresentam as propriedades do que hoje é considerado matéria.

A concepção de que o espaço e o tempo, assim como a própria matéria e sua massa, são formados por fluido se expressando desta ou daquela maneira, demonstra como se realiza a estruturação da condição de existência referente ao universo conhecido, isto é, a condição denominada de "mundo físico ou material". Esta concepção viabiliza o entendimento de vários fenômenos espirituais, tais como o deslocamento dos desencarnados no espaço, fenômenos de transporte e a presciência ou dupla vista.

Encontramos na Codificação Espírita conceitos que podemos considerar como prenúncio das teorias científicas já existentes. Obviamente que, com o avanço dos conceitos científicos, isto se tornará mais óbvio, pois, como os fenômenos espirituais ocorrem com a matéria sutil, conforme o conhecimento humano adentra nesta região os conceitos deverão convergir.

Abril 2014

Espírito

O entendimento do que o espírito realmente é, ainda permanece uma questão que deverá ser solucionada no futuro, pois percebemos que nos falta conhecimento de base para tratar deste tema em maior profundidade. Contudo, mediante a análise da informação disponível em O Livro dos Espíritos, podemos chegar a algumas ilações sobre assunto tão fascinante e, ao mesmo tempo, intrigante.

Na questão 23 do supracitado livro, encontra-se o seguinte:

Pergunta: Que é o Espírito?

Resposta: "O princípio inteligente do Universo."

Esta resposta é deveras interessante, pois, no meio espírita em geral, percebe-se a interpretação de haver uma nítida distinção entre "espírito" e "princípio inteligente", como se tratando de duas coisas ou estados diferentes. Porém, no livro basilar da Doutrina Espírita fica patente que um e outro são a mesma coisa em se tratando de conceito mais básico, em essência.

As diferenças existentes entre os espíritos não estão na sua essência ou estrutura mais básica, todavia, elas existem, pois, em decorrência do nível evolutivo dos espíritos, é possível observar que estes não são iguais na capacidade de ação e nas possibilidades dos fenômenos que são capazes de realizar. Esta igualdade na essência e desigualdade de capacidade levou Jesus a dizer, como apresentado n'O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIX: "Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seriam impossível."

Dando continuidade ao estudo, encontra-se, na questão 23a d'O Livro dos Espíritos, o seguinte:

Pergunta: Qual a natureza íntima do Espírito?

Resposta: "Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe."

Pelo seguimento da resposta que diz "coisa nenhuma é o nada e o nada não existe", pode-se concluir que o espírito há de ser alguma coisa, aquilo que Deus cria, possibilitando postular a existência de uma estrutura que seria o espírito propriamente dito. Esta estrutura, segundo a questão 23a d'O Livro dos Espíritos, é alguma "coisa" e, segundo a questão 82, é formado de "matéria quintessenciada".

Em suma, o espírito criado seria uma estrutura capaz de exercer funções, dentre estas funções estaria, como principal, a capacidade de desenvolver e organizar a mente a partir da observação e experimentação. Pode-se inferir que esta função seja o que é denominado de "inteligência", como definida na questão 24 d'O Livro dos Espíritos: "um atributo essencial do espírito".

Nesta visão, o espírito deixa de ser concebido como uma abstração para ser entendido como uma estrutura capaz de exercer funções. A totalidade destas funções é uma incógnita no estágio atual da humanidade terrena. Neste paradigma haveria condições de correlacionar o espírito, que é o ser, com uma estrutura existente, específica e, em certo sentido, física.

Esta visão em nada contraria a Codificação, muito pelo contrário, se bem analisada, é corroborada pela questão 88 d'O Livro dos Espíritos, que diz o seguinte:

Pergunta: Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

Resposta: "Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea."

Percebe-se que nesta questão encontra-se a afirmação de que os espíritos possuem uma forma, certamente ainda incompreensível para a humanidade terrena, mas não para aqueles que vivenciam a finalidade da Criação, que já atingiram certo grau evolutivo, que se "despiram" das vestes materiais grosseiras. Aqueles, todavia, que se encontram muito aquém deste nível, necessitam de imagens para elaborar ideias abstratas, por isso a orientação de imaginar os espíritos como uma chama ou centelha, imagens diáfanas e sem forma definida.

Bibliografia:

Kardec, Allan; O Livro dos Espíritos; 77a. edição, FEB, 1997.

___; O Evangelho Segundo o Espiritismo; 112a. edição, FEB, 1996.

Maio 2014
Fluido Universal

A compreensão de questões sutis e abstratas ainda é uma barreira a ser ultrapassada por espíritos na condição compatível com um mundo de expiação e provas. Esta característica é uma demonstração do princípio apresentado na pergunta 780 de O Livro dos Espíritos, que diz que o progresso moral decorre do progresso intelectual, isto é, o desenvolvimento da capacidade de entendimento de assuntos de cunho mais concreto conduzirá ao entendimento daqueles de cunho mais abstrato, como a moral ou a essência mesma da matéria.

Podemos dizer que isto ocorra por dois motivos principais: 1) Como o nível evolutivo da humanidade terrestre é baixo e, por isso, está ligada à matéria muito densa, esta é que mais afetaria os sentidos, portanto, estes seriam os estímulos mais marcantes e; 2) A mente pouco desenvolvida se mantém presa em questões do dia a dia.

Apesar de parecerem pólos contrários, a matéria está relacionada com o estágio moral do espírito. Em decorrência da sua natureza sutil e plástica, a essência de que a própria matéria é constituída, sofre a ação do pensamento que, por sua vez, pode lhe proporcionar características salutares ou nocivas. Estas características repercutirão no próprio espírito que, como mencionado anteriormente, será sensibilizado por ela.

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de se aprimorar o conceito do componente cuja finalidade mais básica que podemos conceber é seu uso como essência material e espiritual: o fluido universal. Para isto, deve-se partir da informação disponibilizada, n'O Livro dos Espíritos, pelos espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana.

Na questão 27 do supra citado livro, encontra-se os primeiros esclarecimentos sobre a natureza e propriedades do fluido universal. Kardec pergunta se haveria dois elementos distintos, a matéria e o espírito. A resposta não é simples e, em decorrência da complexidade do assunto aliada as dificuldades encontrados pelos espíritos aqui viventes, precisa ser analisada com cuidado, pois é apresentada em duas etapas, ou melhor, dois níveis.

No primeiro nível da explicação, a resposta mantém o foco mais próximo da nossa materialidade, isto é, trata a matéria como a conhecemos e nos estados variados do fluido mais próximos da materialidade da Terra, fazendo, assim, a distinção do espírito. Declaram, assim, a existência de dois elementos gerais: espírito e matéria.

Todavia, o que chama atenção é a afirmativa seguinte. Ao dizer “Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal...” fica claro que, até então, o fluido universal não estava incluído na resposta. Com o complemento da frase, o conceito fica um pouco mais claro, pois ao dizer que o fluido universal “desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita” fazem, assim, uma diferenciação entre fluido universal, matéria e espírito, apesar de pontos em comum.

Podemos, então, conceber que são considerados dois elementos gerais em níveis mais próximos da condição de existência encontrada no planeta, aquela vivenciada no nosso dia a dia. Todavia, é necessário vislumbrar que existem outras condições e, conseqüentemente, outras abordagens, o que fica mais claro na continuação.

No segundo nível da resposta o conceito se torna completo, apresentando o fluido universal como componente geral também do espírito, e não apenas da matéria. Na colocação: “se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse”, verifica-se que nos é apresentado um grande dilema e que, dependendo do modo como é analisado, pode-se chegar a um entendimento ou a outro.

Há duas formas de interpretar esta parte da resposta: 1) Se considerarmos o fluido universal como matéria, então, o espírito também seria matéria e; 2) Se considerarmos o fluido universal como não sendo matéria, então, o espírito seria imaterial.

Porém, na resposta apresentada na questão 82, temos, com relação ao espírito, que “imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato...”. Portanto, não podemos dizer que o espírito seja imaterial.

Para o dilema descrito, podemos encontrar uma saída: não considerar o fluido universal como sendo matéria e reconhecermos que ainda não estamos aptos para questões desta envergadura, assim, qualquer tentativa de defini-lo seria um erro. Portanto, uma consideração equivocada sobre a natureza do fluido universal gera discordância e, com isso, promove uma dificuldade de entendimento sobre a sua natureza.

Podemos, então, concluir que não existe ainda, para nós, uma definição quanto ao que seja ou represente o fluido universal, podemos apenas considerá-lo como a fonte dos componentes necessários para a criação e formação daquilo sabemos existir: espírito e matéria.

Junho 2014

Propriedades da Matéria

Já tratamos aqui, no artigo publicado em março de 2014, intitulado “Matéria”, sobre como os conceitos sobre a matéria foram se modificando ao longo do desenvolvimento do conhecimento humano. Gostaríamos de salientar três pontos em especial: 1) que massa não é uma propriedade intrínseca; 2) matéria nada mais é do que o fluido cósmico se expressando de uma forma específica e; 3) o pensamento age no fluido cósmico formando os corpos materiais.

Dito isto, podemos nos deter em expor algumas ideias e conceitos acerca das propriedades da matéria.

Analisando a resposta da questão 29 de O Livro dos Espíritos onde diz que a ponderabilidade é um atributo da matéria como conhecemos, mas não da matéria etérea, que seria imponderável, podemos chegar à conclusões interessantes.

Por “ponderável”, segundo o Dicionário Michaelis *on line*, entende-se como aquilo “que se pode pesar, avaliar ou examinar”. Como “ponderabilidade” é a qualidade de ser ponderável, podemos, então, considerar que “imponderabilidade” é a propriedade de não ser possível pesar, avaliar ou examinar.

A partir da premissa de que matéria é uma forma de expressão do fluido cósmico para conosco, podemos, por dedução, considerar que a ponderabilidade também seria uma expressão deste mesmo fluido; considerando que por “ponderabilidade” devemos entender como a possibilidade de nossa interação direta com os corpos e substâncias materiais em geral.

Apesar de normalmente considerarmos o que é percebido pelos sentidos físicos como sendo a realidade independente de nós, este conceito já não é mais aceito pela visão científica. Esta nova abordagem está em acordo com o apresentado na Codificação Espírita, pois, como consta na questão 32 de O Livro dos Espíritos, as diferentes propriedades da matéria somente podem ser avaliadas segundo a disponibilidade dos órgãos do corpo físico para percebê-las.

Assim, tudo aquilo que percebemos pelos sentidos físicos são o modo como estes respondem aos estímulos fornecidos pela manifestação do fluido cósmico, em outras palavras, a forma como este fluido se manifesta, como os órgãos o percebe e como o cérebro interpreta.

A visão de realidade, portanto, toma características completamente diferentes, alterando o paradigma da nossa própria existência, experiência e relação com o mundo exterior.

Na concepção científica atual, nenhum fenômeno pode ser compreendido na sua essência original, pois toda e qualquer observação interfere com o fenômeno em si. Portanto, tudo aquilo que conhecemos já é resultado da interferência causada pelo simples ato de observar.

Se considerarmos que em toda observação haverá forçosamente a ação do pensamento direcionado, a interferência é decorrente da ação do pensamento sobre o fluido. Desta forma, aquilo que consideramos como realidade é fruto da interferência do espírito no fluido existente.

Na época da codificação da Doutrina Espírita, o conceito reinante era o de uma descrição objetiva da natureza, descrição esta segundo os conceitos pertinentes à Física Clássica, também conhecida como Física Newtoniana. Esta objetividade de análise considerava que o universo existia independente do ser vivo, sobre o qual atuava apenas por meios materiais, ou causais.

Contudo, com o advento da Física Quântica e da Teoria da Relatividade, já no século XX, fica patente que a separação entre matéria e ser vivo já não pode mais ser aceita no estudo dos fenômenos observáveis. Apesar de não ser amplamente conhecido, esta nova abordagem mudou completamente a visão de mundo e a forma como a ciência trata as pesquisas em determinadas áreas do conhecimento humano, especialmente no que está relacionado com a matéria.

Conceitos como a dualidade partícula-onda da luz que, em linhas gerais, significa que pode se comportar como uma partícula (um corpo sólido), ou como onda (energia se propagando no espaço), compreendendo dois fenômenos e comportamentos distintos.

Analisando sob este prisma, somos conduzidos a perguntar: O que é a luz: partícula ou onda? Para esta pergunta não existe uma resposta específica, o mais sensato é dizer que depende da situação. A propriedade da luz varia segundo o fenômeno.

Se tomarmos a matéria como corpos bem definidos, a colocação anterior causa grande desconforto, mas ao considerarmos fluido se manifestando desta ou daquela forma, esta mesma colocação não causa espanto algum, pois a melhor resposta para a pergunta “O que é a luz?” seria a que encontramos genericamente na Codificação Espírita: A luz como tudo e qualquer outra coisa é fluido se manifestando de uma forma ou de outra.

Em suma, não existiriam propriedades bem definidas para a matéria, pois esta, sendo formada por fluido, sofre a ação dos espíritos que aqui habitam, mesmo que inconscientemente. Todavia, a partir do momento em que temos o conhecimento desta ação, podemos utilizar em benefício próprio e de outros, pois pensamentos salutareos conferirão características também salutareos para o fluido, como por exemplo os que compõem o alimento, água ou, até mesmo, o ar que nos envolve.

Julho 2014

Tudo Está em Tudo

Na questão 33 d'O Livro dos Espíritos encontramos a resposta de que "tudo está em tudo" para a pergunta formulada por Kardec com relação a mesma matéria elementar ser suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades.

De certa forma, o pensamento a que estamos acostumados de que as coisas possuem uma existência particular e que diferem entre si, faz com que a resposta dada pelos espíritos nos pareça estranha. Todavia, uma análise, mesmo que superficial, porém um pouco mais profunda do que o comum, pode nos levar a entender um pouco melhor este ponto acerca da matéria com que lidamos no nosso dia-a-dia.

Imaginemos um namorado, noivo ou esposo que deseja presentear sua namorada, noiva ou esposa com algo especial, que cause uma forte impressão. Após muito pensar, ele decide presentear sua amada com uma linda pedra de carvão mineral. Creio que concordamos que não causaria grande impressão, para não dizer nenhuma.

Suponhamos, agora, que ele se decida por uma linda pedra de diamante. Neste caso podemos facilmente conceber que causaria uma comoção na sua amada devido a demonstração de amor.

Contudo, se analisarmos a composição química tanto do carvão quanto do diamante chegaremos a conclusão de que ambos são formados pelo mesmo elemento químico: o Carbono. Este mesmo elemento é responsável pela existência de todos os corpos orgânicos, seja vegetal ou animal.

A diferença básica entre o carvão e o diamante está na estrutura do cristal, isto é, na forma como os átomos estão organizados. No carvão a estrutura é laminar, enquanto no diamante é tetraédrica.

Outro exemplo interessante é a comparação da água comum com a água oxigenada. Ambas são constituídas por átomos de Hidrogênio e Oxigênio, porém a água oxigenada é composta por um átomo de Oxigênio a mais (água comum: H_2O ; água oxigenada: H_2O_2). Esta pequena diferença propicia propriedades completamente diferentes entre estes dois compostos, sendo que a mais marcante é o fato de que a água comum é essencial para a vida, enquanto que a água oxigenada pode causar a morte se ingerida na forma concentrada (água oxigenada vendida nas farmácias não é concentrada, mas diluída, por isso são utilizadas em machucados e, até mesmo, na boca).

Como é possível verificar, compostos comuns com diferentes propriedades podem ser constituídos de um mesmo elemento ou conjunto de elementos químicos, variando a proporção de cada um ou a forma como são organizados, exatamente como apresentado na resposta à questão 33a.

Elementos químicos são os diferentes tipos de átomos. Dentre os elementos que ocorrem naturalmente no planeta e os que são sintetizados pelo homem, contam mais de

100. Estes elementos, quando agrupados segundo certas leis, constituem os diversos materiais que se observa no planeta. Estes agrupamentos formam as moléculas.

Analisando a constituição do átomo, verificamos que é constituído de três partículas: prótons, nêutrons e elétrons. O átomo de Hidrogênio é o único constituído por apenas um próton e um elétron, não possuindo nenhum nêutron, enquanto que, no outro extremo dos elementos naturais encontra-se o Urânio, formado por 92 prótons, 146 nêutrons e 92 elétrons. Os diferentes elementos químicos são decorrentes da combinação em diferentes proporções destas partículas.

Sob este prisma, verificamos que tudo aquilo que percebemos como corpos materiais são formados, em sua estrutura mais básica, por três partículas apenas.

Seguindo a história do conhecimento, acreditava-se que os átomos eram a base da matéria, como os tijolos formam a estrutura da parede. A palavra "átomo", de origem grega, significa não divisível.

Todavia, atualmente este conceito já está mudado, já se sabe que os átomos não são a base da matéria, mas as partículas denominadas de "elementares". As partículas consideradas como verdadeiramente elementares somam um total de 48 e elas compõem tudo o que observamos e aquilo que não faz parte de nossa vida cotidiana, mas apenas para os cientistas em seus estudos visando desvelar o âmago da matéria. Isto sem considerar as denominadas "partículas virtuais" que são responsáveis pela interação entre as partículas.

Certamente ainda há um longo caminho a percorrer na busca da essência da matéria, inclusive que as partículas consideradas como verdadeiramente elementares hoje podem, como ocorreu no passado sobre conceitos semelhantes, ser reavaliados e consideradas como compostas, conduzindo a um novo grupo de partículas.

Todavia, muito já foi feito e, ao que a informação disponível indica, que o que chamamos de elementar ainda está longe de o ser, como apresentado na questão 34a d'O Livro dos Espíritos a uma pergunta de Kardec quanto a forma das moléculas, para a qual a resposta é: "Constante a das moléculas elementares primitivas; variável a das moléculas secundárias, que mais não são do que aglomerações das primeiras. Porque, o que chamais molécula longe ainda está da molécula elementar."

Agosto de 2014

Espaço Universal

A teoria científica atualmente aceita para a formação do universo diz que sua origem é decorrente de um determinado evento, denominado de "A Grande Explosão", mais conhecido em inglês como "Big Bang". Esta explosão, contudo, não deve ser considerada como a detonação de uma granada, por exemplo, em que os pedaços da granada se expandem no espaço circundante.

O Big Bang, segundo a teoria, seria a expansão do próprio espaço. Isto significa que, na visão científica, o espaço não existia, assim como o tempo, que teve seu surgimento, ou seu início, neste mesmo evento.

Desta forma, devemos considerar dois pontos importantes: 1) o universo teve um início e; 2) podemos considerar que o espaço não é infinito.

Todavia, segundo a questão 35 d'O Livro dos Espíritos temos o seguinte:

Pergunta: O espaço universal é infinito ou limitado?

Resposta: "Infinito. Supõe-no limitado: que haverá para lá de seus limites? Isto te confunde a razão, bem o sei; no entanto, a razão te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na pequenina esfera em que vos achais que podereis compreendê-lo."

Kardec, no sentido de viabilizar a perpetuação do Espiritismo como uma doutrina que deveria se manter atual mesmo no futuro sem, contudo, estabelecer ou estimar um "prazo de validade", diz que a doutrina que surgia deveria "encarar a razão em todas as épocas da humanidade". Assim sendo, podemos analisar a informação disponível no sentido de compatibilizar as teorias espírita e a científica sem que haja qualquer dano tanto a uma quanto a outra.

Precisamos, portanto, estabelecer uma distinção entre a Criação com "C" maiúsculo e a criação com "c" minúsculo. Por "Criação" entende-se toda obra em que Deus opera diretamente, como na Criação de espíritos; enquanto que por "criação" deve-se entender tudo o que é operado pelos seres inteligentes da Criação, isto é, os espíritos.

André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, no Cap. 1, define esta ideia diferenciando entre "Criação" e "co-criação". Em linhas gerais, Deus cria, enquanto o espírito, atuando sobre o que foi criado previamente, tal como o fluido, co-cria. A co-criação é temporária, tem um tempo de vida útil que dependerá do grau evolutivo do espírito atuante, enquanto que a Criação transcende o tempo.

André Luiz categoriza, ainda, a co-criação em dois níveis: "plano menor" e "plano maior". A co-criação em plano menor está relacionada com a formação do perispírito e corpo físico por parte dos espíritos que ainda necessitam encarnar, enquanto que a co-criação em plano maior está relacionada com o trabalho desenvolvido pelo espíritos

superiores, mais especificamente na formação do universo conhecido. Temos, então, nas próprias palavras de André Luiz: “Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade.”

O conceito de co-criação claramente apresentado por André Luiz é uma abordagem mais abrangente da teoria dos fluídos que permeia os livros da Codificação como um todo e mais enfaticamente n'O Livro dos Médiuns, Parte Segunda, Cap. VIII - Do Laboratório do Mundo Invisível e no livro A Gênese, Cap. XIV - Os Fluidos.

Considerando que o fluido universal é o princípio elementar de todas as coisas, o espaço e o tempo como conhecemos também devem ser considerados como expressões do fluido universal, tal como a matéria. Portanto, pode-se conceber o surgimento de ambos a partir do Big Bang, tendo um ponto de partida para sua existência.

Neste sentido, podemos estabelecer uma distinção entre o Universo de Deus e o universo conhecido. O Universo de Deus é infinito em todos os sentidos, inclusive espaço e tempo que, neste caso, possuem uma conotação completamente diferente daquele que concebemos. Em contrapartida, segundo a teoria tanto científica quanto espírita, o universo conhecido é finito em todos os sentidos, inclusive o espaço e o tempo como o concebemos.

Setembro de 2014

Formação dos Mundos

N'O Livro dos Médiuns, Capítulo IV, Kardec trata da teoria das manifestações físicas e encontramos no item 74, subitem XI, o seguinte: "São aptos, todos os Espíritos, a produzir fenômenos deste gênero? "Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material."

Esta colocação dos espíritos se contrapõe ao entendimento histórico, como apresentado no livro Gênese do Velho Testamento, de que Deus criou o universo material. Pois, é preciso considerar que, se espíritos elevados, já desprendidos da matéria, não produzem os fenômenos de efeitos físicos, o que se poderia dizer sobre Deus? Ele se deteria em tal tarefa?

Sob este aspecto, é preciso analisar detalhadamente a questão 38 d'O Livro dos Espíritos que diz: "Como criou Deus o Universo?" "Para me servir de uma expressão corrente, direi: pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese – 'Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita'."

Assim, por "estas belas palavras da Gênese" deve-se interpretar como uma assertiva referente a um estilo poético e não como uma descrição exata do ocorrido. Contudo, ressalta o fato de que tudo que existe é decorrente da existência precípua de Deus e este ponto também necessita ser considerado nesta análise.

No livro Ação e Reação, ditado pelo espírito André Luiz pela psicografia do médium Francisco Cândido Xavier, encontramos o relato de uma orientação do benfeitor Silas que diz: "...Vocês não ignoram que o Criador atende à criatura por intermédio das próprias criaturas..." Portanto, a ação Divina se faz sempre presente, porém não necessariamente de forma direta, mas através da providência que se caracteriza pela "solicitude de Deus para com as suas criaturas", segundo Kardec no livro A Gênese, Cap. 2, item 20.

Obviamente que, ao olharmos para as estrelas e, até mesmo, a própria Terra, fica patente se tratar de inteligência acima da humanidade terrestre. No comentário de Kardec à resposta da questão 9 d'O Livro dos Espíritos, temos que "Não podendo nenhum ser humano criar o que a natureza produz, a causa primária é, conseqüentemente, uma inteligência superior à Humanidade."

Importa ressaltar que a descrição de espíritos de primeira ordem, também encontrada n'O Livro dos Espíritos, diz que apresentam "nenhuma influência da matéria e superioridade intelectual e moral absoluta com relação aos Espíritos das outras ordens". Portanto, trata-se de inteligência superior à humanidade terrestre.

Os termos "superior" e "inferior" são sempre relativos, isto é, são utilizados para expressar uma comparação. Porém, o termo "supremo" já designa algo absoluto, como de corrente uso na Codificação para descrever aquilo que é relacionado à divindade.

Sendo a causa primária de todas as coisas, tudo o que existe, conhecido ou não, é decorrente da pré-existência de Deus, portanto Ele está imanente em tudo, inclusive na criação dos mundos. Todavia, o nosso universo conhecido, apesar da grandiosidade, não deixa de ser uma obra material, decorrente da condensação da matéria disseminada no espaço. Assim, podemos considerar a ação de espíritos evoluídos no processo de formação dos mundos servindo de morada para os que se encontram em nível evolutivo inferior.

Um universo para habitação de espíritos deve apresentar leis materiais que o regem e, portanto, precisam ser bem definidas para manutenção da estabilidade e reprodutibilidade, viabilizando que os espíritos possam experienciar a encarnação dentro de certa ordem. Portanto, ao pensarmos em espíritos formando mundos, não devemos considerar como crianças brincando com massa de modelar, formando um de cada vez.

A formação do universo com seus diferentes e diversos orbes deve ser decorrente do estabelecimento de leis materiais que servem de diretrizes para a aglutinação do fluido. Assim, não são as leis que descrevem o comportamento da matéria, mas o segundo que é decorrente do primeiro.

Podemos, desta forma, dizer que a ciência acadêmica estuda hoje as leis materiais estabelecidas pelos prepostos de Deus quando da formação deste universo conhecido e que estará em consonância com a condição dos espíritos que o utilizarão no seu processo evolutivo.

Por "leis materiais" é preciso considerar não apenas as leis da física e da química, mas inclusive a da genética, pois, para cada espírito formar o corpo físico que lhe servirá na encarnação, também deve seguir regras bem definidas.

Outubro de 2014

Formação dos Seres Vivos

Conforme afirmou Jesus, "nenhuma ovelha de meu Pai se perderá", aliado a infinita bondade do Criador, que permite que seus filhos disponham do livre-arbítrio como forma de aprendizado, a lógica diz que deverá haver grande variedade nas estruturas materiais que servirão de morada aos espíritos cujas necessidades variam ao infinito.

Analisando apenas o sistema solar do qual o planeta Terra é orbe integrante, constata-se a diversidade de estruturas e composição química; uns são terrestres enquanto outros são gasosos; uns tem água enquanto outros não. Assim sendo, podemos perceber que o tipo de manifestação do espírito na condição de encarnado também deverá variar em conformidade com as condições que os diversos globos planetários oferecem.

Considerando que as estrelas e planetas não são formados um a um, tal qual se procede com massa de modelar, mas obedecendo às leis gerais do universo conhecido, as quais, por sua vez, estabelecem a diversidade, podemos, então, concluir que o tipo de corpo físico que os espíritos se manifestarão em um planeta deverá ser elaborado após a estabilização do sistema que forma o planeta em si e o sistema solar como um todo, após seus elementos constitutivos estarem bem estabelecidos.

Em outras palavras, as leis que regem a matéria do nosso universo conhecido permite que haja uma gama de tipos de planetas diferentes, conseqüentemente, haverá uma gama equivalente de tipos de vida material que podem existir, ao menos em teoria. Portanto, não haveria condições de se determinar como se formariam os corpos orgânicos durante as revoluções pelos quais os planetas passam durante o período inicial de sua formação e, somente após esta etapa é que se torna possível dar início o planejamento, ou o desenvolvimento, da estrutura material que consistirá o corpo de expressão do espírito encarnado.

Desta forma, podemos compreender os dois primeiros capítulos do livro *A Caminho da Luz*, ditado pelo espírito Emmanuel, sob a psicografia de Francisco C. Xavier. Neste livro, Emmanuel, muito claramente, apresenta Jesus como o divino escultor das formas que serviriam de ferramenta para os espíritos que encarnariam no planeta Terra especificamente.

As formas orgânicas, portanto, não estariam predeterminadas para cada globo, mas seriam decorrentes de processos de verificação das possibilidades e determinação da ou das opções mais viáveis, passando por um período de estudo e testes até a definição daquela mais adequada. Por conseguinte, devemos a um grupo de espíritos sob a orientação e comando de Jesus a elaboração do corpo físico como o conhecemos.

Ainda sob o princípio de que "Criador atende à criatura por intermédio das próprias criaturas..." , como apresentado no artigo *Formação dos Mundos*, publicado no *Jornal Correio Espírita* em agosto de 2014, verifica-se a natureza do processo de Criação das

estruturas materiais por parte de Deus, que relega ao seus filhos mais adiantados a possibilidade de evolução no trato com os irmãos menores. Assim, da mesma forma que as leis físicas e químicas são desenvolvidas por Seus prepostos na co-criação de universos, as leis da genética são similarmente elaboradas, sendo específicas para cada orbe em conformidade com os espíritos que ali habitarão.

O desenvolvimento da genética teve início ainda nos seres unicelulares que, com o passar do tempo, foram se associando e estabelecendo o sistema de comunicação entre si. Antes disso, porém, foi necessário considerar todo o processo de nutrição e reprodução celular para que a vida orgânica pudesse ser mantida.

Após esta etapa, as colônias celulares foram se formando, para, depois, em agrupamentos maiores, constituírem sistemas complexos, necessários para o estilo de vida orgânica elevada para servirem aos espíritos mais adiantados.

Ainda segundo Emmanuel, foram precisos milhares de anos aos "operários de Jesus", como ele denomina, para a elaboração paciente das formas.

Não podemos negar que as "formas" foram decorrentes de uma "elaboração paciente", pois quem de nós pode imaginar uma tarefa que demore milhares de anos para ser cumprida? Apenas os mais elevados; eles podem vislumbrar uma atividade de tão longa duração, pois são capazes de compreender o tempo infinito, no qual milhares de anos correspondem apenas a uma fração ínfima.

Com o estabelecimento das leis da genética e da estrutura das formas, os espíritos que aqui habitariam formaram seu corpo físico obedecendo a estas leis. São, contudo, os responsáveis pela sua estruturação, que inicia no momento da fecundação do óvulo e termina no desencarne, no processo que o espírito André Luiz denominou, no livro *Evolução em Dois Mundos*, de co-criação em plano menor.

Novembro de 2014

Povoamento da Terra

Segundo o primeiro livro da série que ficou conhecida como Velho Testamento, onde encontram-se relatos, histórias e estórias das mais diversas, o início do povoamento do planeta teve início com um único casal, Adão e Eva. Contudo, esta estória não se mantém nem mesmo ao longo do próprio livro que a inicia, pois, segundo o relato, este "primeiro" casal concebe dois meninos que se tornam homens. Todavia, em decorrência de um atrito entre os irmãos, um mata o outro, e foge, então, para uma terra distante onde encontra aquela que viria a ser sua mulher, com quem teve um filho e edificou uma cidade. A pergunta que fica é: Se havia somente quatro habitantes no planeta, como aquele que fugiu pode encontrar uma esposa?

Portanto, ao analisarmos a questão 50 d'O Livro dos Espíritos, onde Kardec pergunta se realmente tudo começou com Adão, o primeiro a ser criado segundo a estória e Eva em seguida, a resposta obtida é bastante lógica, pois diz que não foi o primeiro e nem o único que deu início ao povoamento da Terra. Em nota, Kardec explica que o homem que ficou conhecido tradicionalmente como "Adão" deveria ser um sobrevivente de alguma catástrofe da natureza.

Na edição de outubro de 2014 do jornal Correio Espírita foi publicado o artigo Formação dos Seres Vivos, onde discutiu-se o papel de Jesus e seus trabalhadores na elaboração das formas orgânicas para a encarnação de espíritos nos vários reinos. Tal abordagem, relacionada com a posição do espírito Emmanuel no livro A Caminho da Luz, está em acordo com a escala de seres orgânicos conforme apresentado no livro A Gênese, Cap. X, onde se encontra a seguinte assertiva: "Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união."

Observa-se uma sequencia evolutiva no campo de corpos de expressão para espíritos nas mais diferentes necessidades de aprendizagem. Contudo, o corpo em si necessita do componente espiritual para gerenciar a sua formação e manutenção, portanto, não apresentando solução de continuidade para as diferentes formas físicas, podemos inferir que a gradação evolutiva do espírito também deverá ser correspondente, isto é, igualmente sem solução de continuidade.

Os fósseis se encontram disseminados por todo o globo, significando que habitavam os diversos cantos do planeta, assim, a população humana surgiria igualmente em todo o globo, procriando e gerando toda uma população que se transformaria na atual.

Ainda no livro A Gênese, Kardec apresenta uma teoria a respeito do surgimento, ou melhor, formação do corpo humano. Fala sobre a semelhança entre os corpos de primatas e humanos e que não seria impossível que o segundo fosse decorrente do primeiro; esclarece que esta transformação pode ter sido possível com espíritos em uma

determinada condição evolutiva encarnando em corpos referentes ao de uma condição mais baixa visando, exatamente, o aprimoramento deste. Este teria sido um processo que, gradativamente, conduziria ao corpo humano como conhecemos hoje, sem prejuízo espiritual.

A prerrogativa de que a evolução tanto das formas quanto do ser espiritual transcorreu gradualmente ao longo de certo intervalo de tempo, e não uma explosão de espíritos já de determinada condição evolutiva, pode ser verificada também nos achados da paleontologia mais recentes.

No ano 2000, um extenso artigo científico intitulado *The Revolution That Wasn't* (A Revolução que não Aconteceu), publicado no *Journal of Human Evolution*, indicou que o comportamento humano não teve um surgimento em uma "explosão de criatividade" cerca de 50.000 anos atrás, como se acreditava, mas era fruto de um processo gradual ao longo de cerca de 300.000 anos.

A paleontologia vem passando por uma revolução em decorrência de alguns fósseis que foram encontrados no continente africano e divulgados em 2010. Em artigo intitulado *First of Our Kind* (O Primeiro de Nossa Espécie), estes fósseis foram considerados como pertencentes a uma nova espécie, o *Australopithecus Sediba*, o qual apresentava características peculiares tanto da espécie *Australopithecus* quanto da espécie *Homo*.

Um ponto muito interessante no artigo acima citado é que os autores dizem que os "paleontologistas precisarão repensar completamente onde, quando e como a espécie *Homo* começou e o que significaria ser humano".

Certamente o conhecimento humano atual ainda está muito longe de desvendar este "mistério", e tantos outros, que muito levemente foi desvelado pelos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita, por isso, é preciso muito cuidado ao tratar de questões científicas visando confirmar ou alterar o que consta nas obras da Codificação.

Dezembro de 2014

Diversidade das Raças Humanas

Apresentamos anteriormente no jornal Correio Espírita, no texto Povoamento da Terra em novembro de 2014, que os autores do artigo intitulado First of Our Kind (O Primeiro de Nossa Espécie), publicado na revista Scientific American em abril de 2012, afirmaram que os "paleontologistas precisarão repensar completamente onde, quando e como a espécie Homo começou e o que significaria ser humano".

Desta forma, analisar as repostas dos espíritos para as questões relativas ao tema da diversidade das raças humanas comparando ou se baseando no conhecimento científico atual seria impossível, pois se os especialistas no assunto não chegaram a uma conclusão sobre o aparecimento da espécie humana na Terra, que dirá o leigo.

Portanto, nos basearemos exclusivamente nas respostas apresentadas pelos espíritos para as perguntas de Kardec.

Na pergunta de número 52 d'O Livro dos Espíritos há referência tanto aos costumes quanto a moral sobre as diferentes raças humanas. Contudo, na resposta apresentada encontra-se o exemplo de que dois irmãos criados separadamente "em nada se assemelharão, quanto ao moral".

Este ponto requer uma análise mais cuidadosa, pois comumente se considera, no meio espírita, por "moral" as aquisições do espírito e que se mantém independentemente da encarnação, podendo se aprimorar dependendo da criação e escolhas durante a temporada terrena, porém nunca retroagir neste componente. Portanto, dois espíritos com moral iguais não deveriam variar tanto a ponto de se dizer que não apresentariam nenhuma semelhança, mesmo sendo criados em diferentes costumes.

Assim, na questão 52 é preciso entender "moral" sob outra conotação. O dicionário Aurélio "on line" apresenta algumas interpretações que, na conceituação comum, versam sobre regras e diretrizes elaboradas segundo a ótica humana e, por isso, dependerá dos costumes e épocas. Esta abordagem é diferente no sentido empregado para interpretar a evolução do espírito, no qual "moral" estaria relacionado com a expectativa Divina para Seus filhos.

Podemos, desta forma, entender a questão 52 combinada com a questão 53:

52. Donde provêm as diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra?

"Do clima, da vida e dos costumes. Dá-se aí o que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto ao moral."

53. O homem surgiu em muitos pontos do globo?

“Sim e em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram.”

Em decorrência do fato de que a espécie humana surgiu em vários pontos do planeta sob diferentes condições de clima, geologia e vegetação, além da diversidade de animais presentes, as suas características corporais deveriam estar adaptadas para as regiões em que se desenvolveriam. Estas diferenças corporais foram interpretadas como diferentes raças, porém, todas pertencentes a uma só espécie: a humana.

No início do processo de surgimento da espécie humana no planeta pode até ter sido estipulado pelos responsáveis pelo gerenciamento da Terra, discutido no artigo Formação dos Seres Vivo, publicado no jornal Correio Espírita em outubro de 2014, que as condições em que os diferentes grupos de espírito habitariam dependeria de seus estágios evolutivos. Contudo, como a Doutrina Espírita nos esclarece sobre os comprometimentos do espírito e os meios de depuração em variadas existências, a distinção em raças sob este prisma, se é que houve, não mais seria válido, pois, após todo este tempo, seria decorrente das necessidades evolutivas de cada espírito na sua longa caminhada.

A Terra é um planeta com uma grande diversidade ambiental, indo desde áreas gélidas até desertos escaldantes. Portanto, pode-se supor que é um planeta com condições de fornecer variada gama de experiências materiais para seus habitantes espirituais. Delineada para servir de morada a espíritos na condição de expiações e provas, isto é, espíritos teimosos, as diferentes dificuldades para a sobrevivência material serviria para o desenvolvimento do intelecto humano visando, obviamente, o entendimento da necessidade da elevação espiritual, rumo a compreensão de ser co-criador com Deus. Nas questões 780 e 780a d'O Livro dos Espíritos fica claro esta necessidade:

780. O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

“Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.”

a) - Como pode o progresso intelectual engendrar o progresso moral?

“Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

Janeiro de 2015

Pluralidade dos Mundos Habitados

O mundo da ficção cinematográfica sempre foi profícuo em inventar tecnologias e eventos "científicos" dos mais diversos. Filmes e seriados sobre viagem no tempo foram os grandes preferidos por instigar a imaginação, sem contar com a enorme diversidade de histórias que ficam à disposição do autor, pois as produções não ficavam restritas à situação do momento em que foram criadas, mas tanto do passado quanto do futuro imaginado. Como exemplos, podemos citar os filmes: O Túnel do Tempo, O Vingador do Futuro, De Volta para o Passado e De Volta para o Futuro.

Algumas teorias no campo da Física demonstram a possibilidade de realmente se viajar no tempo, sendo a Teoria da Relatividade a que mais contribuiu nesta área. Todavia, ainda existe a impossibilidade de condição material para que seja efetivamente testada.

Contudo, ainda se trata de um tema polêmico no meio científico, aceito por uns e repudiado por outros, como é de se esperar por se tratar de assuntos que se localizam na fronteira do conhecimento. Somente com a evolução da ciência é que esta fronteira vai, gradativamente, se expandindo e teorias podem ser comprovadas ou categoricamente refutadas.

Um comentário muito interessante pode ser encontrado no livro O Universo Numa Casca de Noz, de Stephen Hawking, demonstrando o cuidado necessário sobre temas que não são completamente conhecidos. O autor inicia o capítulo que trata sobre viagem no tempo contando uma história sobre várias apostas, entre ele e um colega de nome Kip, sobre assuntos polêmicos no ramo da Física e termina o capítulo dizendo o seguinte: "Como bons jogadores, Kip e eu gostamos de apostar em peculiaridades como essa. O problema é que não podemos apostar um contra o outro, por estarmos agora do mesmo lado. Em compensação, eu não apostaria com mais ninguém. Ele poderia ser do futuro e saber que as viagens no tempo funcionam."

Outro tema polêmico é a existência de vida em outros planetas. Muitos defendem a tese veementemente, enquanto outros a tratam com inteiro descaso. A ciência não comprova, apesar de existirem esforços nesta direção, mas também não a descarta. Contudo, já se enviou sondas ao planeta Marte e não se detectou a existência de vida por lá; assim como Júpiter que é um planeta gasoso e possui uma atmosfera inóspita à vida como a conhecemos.

Assim, já houve casos em palestras públicas realizadas em casas espíritas que, ao se afirmar a existência de vida nestes planetas do nosso sistema solar, que são mais conhecidos no meio espírita, causou desconforto e descrença do Espiritismo naqueles

menos afeitos aos seus conceitos, especialmente naqueles que aportam à casa espírita pela primeira vez e, por motivos como o exposto, muitos não retornam.

Existem muitas coisas que não sabemos, que ainda não tivemos condições de observar, mesmo com toda a tecnologia disponível. Pode parecer estranho, mas ainda existem espécies de animais que não conhecemos, até mesmo espécies grandes.

Em 1961, o astrônomo e astrofísico americano Frank Drake, desenvolveu uma equação, que ficou conhecida por “Equação de Drake”, para estimar a quantidade de civilizações existentes em nossa galáxia, a Via Láctea, com conhecimento e tecnologia suficientes para se comunicarem conosco. A Equação de Drake é descrita como (1):

$$N = (R^*) \times (f_p) \times (n_T) \times (f_v) \times (f_i) \times (f_c) \times (t)$$

Onde: N = número de civilizações em nossa Galáxia capazes de se comunicar; R* = taxa de formação de estrelas na Galáxia; f_p = fração provável de estrelas que têm planetas; n_T = número de planetas ou luas com condições parecidas com as da Terra; f_v = fração provável de planetas que abrigam vida; f_i = fração provável de planetas que desenvolveram vida inteligente; f_c = fração de espécies inteligentes que podem e querem se comunicar; t = tempo de vida de tal civilização.

Muitas das variáveis presentes na Equação de Drake são subjetivas e os valores utilizados são baseados em estimativas. Numa visão otimista, haveria 1 bilhão de civilizações na nossa galáxia que podem e querem se comunicar, enquanto que, numa visão pessimista, seria 1 caso em 100 bilhões de galáxias, portanto, estaríamos sozinhos nesta galáxia. Obviamente que é preciso considerar, neste contexto, a enorme quantidade de galáxias existentes no universo conhecido.

Frank Drake também é conhecido por ter fundado o Instituto SETI – SEARCH FOR EXTRATERRESTRIAL INTELLIGENCE (Busca por Inteligência Extraterrestre).

A busca por habitantes de outros mundos ainda está relacionada com o conceito de “vida”. Em geral se busca ainda vida de forma igual ou similar à sua expressão orgânica como no planeta Terra.

Numa visão mais ampla, baseado nos conceitos espíritas, “vida” somente é encontrada no ser espiritual, sendo sua roupagem carnal apenas uma forma de expressão no mundo material. Assim, esta forma de expressão varia enormemente, inclusive no próprio planeta Terra. Consequentemente os espíritos podem se manifestar de forma muito diversa em outros planetas.

Referência:

1) Página da internet do Instituto SETI - <http://www.seti.org/>

Texto originalmente publicado no jornal Correio Espírita em janeiro de 2015

Fevereiro de 2015
Animais de Júpiter

Dentre as informações contidas na Codificação Kardequiana e na Revista Espírita sobre a pluralidade dos mundos habitados, a questão dos animais no planeta Júpiter causa, segundo percebemos, certa dificuldade de entendimento. Acreditamos que esta dificuldade seja decorrente da análise parcial da informação, pois existe algumas contradições que precisam ser consideradas nas conclusões a este respeito.

Tanto a Codificação quanto a Revista Espírita são livros que demandam perseverança no estudo, sendo necessário a análise completa daquilo que foi disponibilizado, e não se ater apenas a tópicos individuais. Muito dos temas começam a ser apresentados em um determinado ponto e terminam em outro mais adiante, podendo, inclusive, constar em vários livros diferentes. Isto ocorre especialmente na Revista Espírita que foi editada ao longo de vários anos.

A seguir transcrevemos algumas mensagens a respeito dos animais no planeta Júpiter, todas extraídas da Revista Espírita. Vale ressaltar que, algumas destas mensagens, apresentavam avaliações pertinentes feitas por parte de Kardec e que merecem ser lidas com atenção.

Na Revista Espírita de março de 1858, página 71, baseando-se nas informações obtidas, Kardec apresenta a ideia dos animais de Júpiter fazerem os trabalhos braçais, como apresentado a seguir:

"Os animais não estão excluídos desse estado progressivo, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários: as ocupações dos homens são puramente intelectuais. O homem é, para eles, uma divindade, mas uma divindade tutelar que jamais abusa do seu poder para oprimi-los."

Na Revista Espírita de abril de 1858, sob o título de Conversas Familiares de Além Túmulo, Kardec entrevista o espírito Bernard Pallissy, previamente sabido que habitava Júpiter, visando obter uma descrição mais detalhada do planeta em questão numa série de perguntas e respostas. Na pergunta de número 51 temos o seguinte:

51. Foi-nos dito que os animais são os servidores e operários que executam os trabalhos materiais, construindo as casas, etc.; isso é verdade?

Resposta: Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.

Vemos neste item que o espírito Pallissy demonstra um orgulho exacerbado e não condizente com a elevação que demonstra. Não podemos imaginar que seres evoluídos possam considerar que servir aos semelhantes seja se "rebaixar". Portanto, diante desta colocação, a informação trazida pelo espírito necessita de avaliação rigorosa. Todavia, ao considerarmos ao que é apresentado na pergunta de número 67, o tema fica muito confuso:

67. Se o povo mais avançado da Terra se visse transportado para Júpiter, que categoria nele ocuparia?

Resposta: A classe dos macacos entre vós.

Assim, segundo a resposta acima, os animais de Júpiter seriam os mais avançados espíritos de humanos da Terra, pois se encarnássemos em Júpiter seríamos equivalentes aos nossos macacos, portanto, comparativamente, seríamos os animais.

Já na Revista Espírita de agosto de 1858, sob o título As Habitações do Planeta Júpiter, em longa mensagem do espírito Victorien Sardou, selecionamos o seguimento de texto:

"Se designamos sob esse nome de animais os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, são Espíritos votados à animalidade, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre este ponto..."

Segundo o espírito Victorien Sardou, os denominados "animais de Júpiter" não seriam animais propriamente dito, mas espíritos "voltados à animalidade", o que estaria em concordância com a questão 67 de abril de 1858, apresentada anteriormente. Todavia, o espírito comunicante comete o equívoco de considerar que estes espíritos p o s s a m permanecer para sempre na condição descrita.

Na Revista Espírita de julho de 1860, consta uma série de comunicações dadas pelo espírito Charlet sobre os animais, dentre estas comunicações existe relatos sobre os animais em Júpiter. Após a apresentação destas dissertações, logo em seguida, Kardec apresenta sua avaliação e questionamento a respeito. Sobre o parágrafo IX, encontramos o seguinte:

18. Nesta passagem, Charlet parece se deixar arrastar por sua imaginação, porque o quadro que ele faz da degradação moral do animal é mais fantástico que científico. Com efeito, o animal não é feroz senão por necessidade, e foi para satisfazer essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns querem se nutrir de carne, foi por um objetivo providencial, e porque era útil à harmonia geral que certos elementos fossem absorvidos. O animal é, pois, feroz pela sua constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem pudesse fazer brotar dentes caninos no tigre e encurtar seus intestinos, porque então não haveria razão para que não tivesse o mesmo resultado sobre o carneiro. Dizemos antes que o homem, sobre a Terra, estando pouco avançado, aí se encontra com seres inferiores sob todos os aspectos, e cujo contato é, para ele, uma causa de inquietação, de sofrimentos, e, por consequência, uma fonte de provas que o ajudam em seu adiantamento futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

Resposta: Não posso senão aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio: eis porque me deixo, de vez em quando, ao prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade; mas o que dissestes aí está muito justo e bem inspirado. No quadro que tracei, bordei sobre certas ideias concebidas para não machucar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram idades de ferro, bem distantes dessas pretendidas dores; a civilização, descobrindo cada dia, novos tesouros acumulados sobre a bondade de Deus, no espaço tão bem quanto na Terra, faz o homem conquistar a verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregará toda enfeitada nas mãos de homens crianças, que deveriam descobri-la pela sua própria inteligência. De resto, esse erro que cometi não podia ser nocivo aos olhos de pessoas esclarecidas, que deveriam facilmente reconhecê-lo; para os ignorantes, passariam despercebidos. Entretanto, eu errei, nisto convenho; agi levemente, e isto vos prova em que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

Diante do questionamento de Kardec, o espírito declara ter fantasiado em muitos pontos de sua dissertação. Portanto, a informação dada por este espírito necessita de avaliação rigorosa.

A questão dos animais em Júpiter, e podemos extrapolar para outros planetas, haja vista que não temos um posicionamento definido para a Terra, ainda permanece nebuloso. Acreditamos que, na condição da humanidade terrestre, não temos arcabouço intelectual desenvolvido o suficiente para a compreensão de assunto tão complexo como este. Portanto, temos apenas especulação e nada pode ser afirmado em definitivo.

Março de 2015

Planetas e mundos

Apesar de, na linguagem comum, as palavras “planeta” e “mundo” se confundirem, quando analisados sob a ótica espírita apresentam conotações diferentes.

Os planetas são estruturas materiais nas quais os espíritos se ligam, se agrupando em conformidade com o grau evolutivo que se caracterizam. Por "grau evolutivo" devemos entender como o nível de compreensão de sua realidade como ser espiritual e que todos fazem parte de um processo que costuma-se denominar de "Criação", sendo merecedores de respeito e funcionando como um organismo único, onde todos trabalham pelo bem de todos.

Os mundos são as circunstâncias para a vida estruturadas e moldadas pelos próprios espíritos que habitam determinada região e em certa condição de existência, podendo esta região ser, inclusive, um planeta. A condição de existência está relacionada com o tipo de matéria envolvida, tal como na nossa condição de existência que está relacionada com a matéria densa como conhecemos.

Desta forma, a constituição física de expressão para o espírito encarnado não é a mesma nos diferentes mundos; cada qual oferece as condições necessárias para que os espíritos que neles habitam tenham a oportunidade de vivenciar experiências essenciais para o seu aprendizado. Por serem estruturadas pelos próprios espíritos em acordo com seus condicionamentos, cada um está no lugar exato que devem estar em acordo com suas necessidades.

No planeta Terra e na condição de existência dos encarnados, se agrupam espíritos cujo grau evolutivo ainda é muito baixo, estruturando, portanto, o que é denominado de "mundo de expiação e provas", onde o mal predomina e, conseqüentemente, o sofrimento.

O conceito trazido pelo Espiritismo sobre mundos de expiação e provas, como sendo a aglomeração de espíritos equivocados, já havia sido citado por Jesus quando disse: "Mandaré o Filho do homem os seus anjos, e eles ajuntarão do seu reino todos os que servem de tropeço, e os que praticam a iniquidade, e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes."

A humanidade encarnada do planeta Terra necessita iniciar um processo de autoquestionamento do porquê existem sofrimentos de variados matizes, isto é, o motivo pelo qual vivemos em um mundo cuja característica principal é a existência do mal. A resposta para tal questionamento deverá ser o nível de egoísmo e orgulho que a sociedade em geral se encontra, onde cada qual se ocupa apenas consigo mesmo, sem pensar que as ações pessoais podem causar dano aos outros, tal como é apresentado no Evangelho Segundo o Espiritismo, nas palavras do espírito conhecido como Santo Agostinho, que diz: “Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho.”

As circunstâncias para a vida em determinado mundo é reflexo daquilo que permeia a mente daqueles que nele habitam. Assim, a conturbação social atual da Terra é

um reflexo da conturbação mental da população, que não é capaz de perceber o caos ao redor e do qual contribui e faz parte. Toda a discussão de questões desta ordem se deve ao fato de que a humanidade ligada ao planeta, no seu atual estágio evolutivo, ainda não consegue valorizar a vida pela vida apenas, tudo gira em torno dos interesses pessoais.

Temos a tendência em achar que "pouca coisa" não faz mal e seguimos nossas vidas expondo os outros a danos para não ficar um minuto esperando no semáforo ou trafegar em sentido oposto ao obrigatório na via para não dirigir por mais um quilômetro. Depois, com o tempo, nos acostumamos e passamos a querer "poupar" dois minutos ou dois quilômetros e, assim, a vida segue, até chegar na casa dos milhões de reais ou tirar a vida de pessoas pelo que elas falam ou pensam.

Não adianta criticar o outro por fazer o inadequado mais frequente ou maior que nós; é preciso contribuir para o bem estar geral. Se não conseguirmos organizar a mente para naturalmente organizar o exterior, podemos trabalhar ao contrário, isto é, nos forçar a organizar o exterior para organizar a mente.

Existem diferentes categorias de mundos em conformidade com o grau evolutivo de seus habitantes, desde os inferiores até os superiores, passando por uma variedade de gradações. Além disto, os mundos podem passar de uma categoria para outra, contudo, nestas mudanças os espíritos não são levados como numa onda para uma condição melhor, pois os mundos não se transformam por si só, mas a humanidade que nele habita. Os espíritos que não acompanharem a transformação geral necessitarão partir para outro local onde se ajustarão.

“Há muitas moradas na casa de meu Pai”, como Jesus apresentou, é um alerta de que a existência humana não necessita ser de lamentações e a transitoriedade da vida na matéria deve servir como um motivo para uma vida plena e feliz.

Abril de 2015

O Átomo de Carbono

Os elementos químicos são apresentados, para facilitar o estudo e aplicações, na forma de uma tabela, a Tabela Periódica, onde são organizados de acordo com o número correspondente a quantidade de prótons presentes no núcleo, o número atômico, e suas propriedades químicas, tal como a capacidade de, ligando-se entre si, formar moléculas, que são os compostos químicos.

Atualmente considera-se que existem 114 elementos, entre os que ocorrem naturalmente e aqueles produzidos pelo homem, os artificiais. Este número, todavia, pode aumentar. Estes elementos podem ser agrupados segundo propriedades comuns e são entendidos e estudados de acordo com estas propriedades que apresentam.

Assim, temos, por exemplo, os gases nobres, são seis elementos que não reagem, isto é, não formam compostos e existem como átomos isolados; os metais que formam, com seus pares, ligações específicas que garantem a estrutura uma série de propriedades bem características e úteis para o dia-a-dia; e assim por diante, temos os alcalinos, os semi-metais, os halogênios, entre outros.

Contudo, um dos elementos que apresenta uma propriedade ímpar: o Carbono. Este elemento possui a capacidade de formar longas cadeias de si mesmo, isto é, átomos de carbono se ligam a átomos de carbono, podendo chegar a moléculas muito longas. Além disto, podem se ligar a outros elementos, aumentando enormemente as características e propriedades das moléculas orgânicas. Um bom exemplo é a tão conhecida molécula de DNA. Esta capacidade de formar diversos compostos químicos é tão específica e especial que foi criado um ramo da Química voltado para o seu estudo, a Química Orgânica, e os seus compostos são denominados de “moléculas orgânicas”.

Essa propriedade especial do átomo de Carbono é que os trabalhadores de Jesus selecionaram como a ferramenta mais adequada para a manifestação da vida na Terra. Podemos, então, com o nosso apoucado conhecimento para a compreensão do trabalho desenvolvido, elaborar algumas suposições a este respeito. No artigo Formação dos Seres Vivos publicado no Jornal Correio Espírita de outubro de 2014, apresentamos um estudo sobre a ação dos trabalhadores de Jesus na elaboração das formas nos primeiros estágios do planeta para a experiência canal de espíritos que aqui viriam habitar.

A versatilidade que o átomo de carbono apresenta é uma ferramenta muito adequada na construção da organização física pelo espírito reencarnante, pois toda a estrutura corporal é baseada neste elemento. Não queremos dizer com isso que todo o corpo é formado por átomos de carbono e moléculas orgânicas apenas, pois muitos outros elementos são necessários e um bom exemplo é o elemento químico Cálcio na formação dos ossos. Contudo, a parte relativa a estrutura e funcionamento dos órgãos é basicamente carbono.

Portanto, o espírito reencarnante necessita principalmente do conhecimento sobre as propriedades químicas de um único elemento para a elaboração do seu veículo de expressão enquanto na experiência carnal. O que devemos considerar como uma grande simplificação do processo para uma etapa extremamente complexa na existência do espírito.

Assim, sem o átomo de carbono não haveria vida como a conhecemos.

Apesar do que possa parecer, tudo na obra da Criação deve tender para a simplicidade, isto é, os processos a que o espírito estaria sujeito são os mais simples possíveis. Somos forçados a reconhecer a capacidade dos espíritos que aqui vieram para nortear a manifestação da vida material. Todavia, nós, em contrapartida, temos a tendência a complicar e dificultar estes processos.

De posse dessa informação, podemos analisar a questão 61 d'O Livro dos Espíritos que diz que a matéria é a mesma para os corpos orgânicos e inorgânicos, mas que nos corpos orgânicos a matéria está animalizada.

Assim, além das propriedades especiais identificadas pela ciência humana para o elemento químico Carbono, podemos compreender que exista uma outra propriedade não identificada ainda, mas que pode ser extrapolado da informação trazida pela Codificação Espírita, que é a capacidade do espírito de se ligar com a matéria que compõe o fluido vital que, por sua vez, também deve ser constituído por estruturas semelhantes aos nossos átomos.

Assim, o átomo de carbono formaria longas cadeias com outros átomos de carbono na densidade da Terra e, também, com seu equivalente na densidade mais sutil do fluido vital; este, por sua vez, formaria ligações com seus átomos equivalentes no perispírito, animalizando toda uma estrutura orgânica e dando ensejo para que os comandos mentais do espírito possam repercutir e atuar nesta estrutura.

Maio de 2015

Fluído Vital

Ao longo da nossa restrita experiência no movimento espírita, entramos em contato com algumas teorias relativas ao fluído vital, dentre elas, podemos ressaltar: a) o espírito reencarna com uma quantidade fixa de fluído vital que seria consumido com o passar do tempo até que, ao terminar o estoque, ocorreria a morte do corpo e; b) os espermatozoides que não fecundaram o óvulo cederiam o fluído vital a ser utilizado durante a encarnação.

Ambas teorias citadas, cremos, seriam decorrentes de uma outra teoria que preconiza haver um dia e hora definido para a desencarnação do espírito encarnado, seguindo o conceito de que nada acontece por acaso.

Certamente que "nada acontece por acaso", pois as Leis da Providência Divina regem todo o Universo. Porém, a data e hora da desencarnação é decorrente de numerosos fatores, fatores estes que fazem parte ou estão incluídos nas próprias Leis. Contudo, seria um equívoco pensar em uma reserva única de fluído para ser gasto ao longo da experiência carnal, pois encontramos na Codificação Kardequiana material suficiente para uma ideia mais precisa sobre o modo de funcionamento desta reserva de fluído.

Kardec, no livro A Gênese, Capítulo V - Gênese Orgânica, apresenta um item que trata especificamente do Princípio Vital. Diz ele que "A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar." Portanto, o funcionamento dos órgãos físicos, necessário para a manutenção da vida orgânica, consome fluído, mas também o produzem através da alimentação, respiração, etc. Vale ressaltar o importante componente do pensamento no desenvolvimento salutar ou enfermigo do corpo, que tanto pode auxiliar na produção quanto no consumo excessivo do fluído vital.

Outra comparação, além daquela apresentada por Kardec com relação à roda, seria o modo de funcionamento da bateria de um automóvel. A carga da bateria é consumida pelos sistemas elétricos, como partida do motor, ignição das velas, faróis, etc; em contrapartida, há a produção de energia pelo próprio motor que, funcionando com a queima de combustível, tanto é responsável pelo automóvel se movimentar quanto recarregar a bateria. Temos, portanto, um sistema de consumo e suprimento de energia elétrica que funciona adequadamente até que haja desgaste das peças, interrompendo o processo. No caso do automóvel, é possível a reparação em oficina especializada enquanto houver a possibilidade para tal; no caso do corpo físico, se a medicina não reparar, ocorrerá a morte do corpo.

Ainda no livro A Gênese temos que "Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade

animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação."

É a presença deste fluido com características e qualidades bem determinadas e únicas para uma finalidade específica que distingue um composto orgânico sintetizado artificialmente, isto é, preparado através de reações químicas em frascos de laboratório ou tanques industriais, daquele que é decorrente de processos dos órgãos do corpo físico. A ciência humana, até o presente momento, não considera a ação do fluido vital, por não ter, ainda, condições de observação e análise de suas propriedades, apesar de perceber que existe uma diferença entre um mesmo composto obtido das formas mencionadas.

Precisamos estar cientes de que a observação da ação do fluido vital é mais facilmente alcançada na contraposição entre matéria inerte e matéria viva, mesmo que seja uma vida factícia. Existe uma fonte inesgotável de experimentos nos quais a observação da ação deste tipo de fluido é possível, que são os denominados "fenômenos de efeitos físicos", tais como o das mesas girantes quando Kardec constatou a ação espiritual em objetos materiais. Portanto, apesar de não ser muito aceito e há, até mesmo, certo preconceito, pois se acredita que não há mais necessidade para este tipo de evento, estes virão a ser, quando a humanidade estiver predisposta a trabalhar para a sociedade, e não apenas para satisfação pessoal, a pedra fundamental do avanço científico e, por consequência, do avanço moral.

Nota. Os termos "eletricidade animal" e "magnetismo animal" são decorrentes do fato de que, à época de Kardec, tanto a eletricidade quanto o magnetismo ainda eram pouco conhecidos e, por isso, alguns fenômenos eram designados por estes nomes. O Espiritismo esclarece a teoria dos fluidos, portanto, sabemos se tratar de um tipo específico de fluido encontrado nos corpos físicos dos encarnados.

Junho de 2015

Matéria Viva

Ao analisar o termo "matéria viva", fico um tanto intrigado, pois não sei se é o caso de uma metáfora ou de uma prosopopéia. Tanto metáfora quanto prosopopéia são figuras de linguagem utilizadas como recursos nos casos de não existirem termos adequados para expressar uma ideia; "metáfora" é uma comparação implícita, enquanto que "prosopopéia" é a atribuição de características humanas às coisas.

Em geral, sob a ótica religiosa/espiritualista, a matéria não tem vida, pois quem vive é a alma (espírito). Em contrapartida, no ponto de vista científico/materialista, a vida é observada como uma manifestação de matéria em certas condições, as quais não são reproduzíveis em laboratório, portanto, esta manifestação de vida é decorrente de um processo ainda desconhecido.

O Espiritismo fornece a informação necessária e suficiente para o entendimento racional deste processo que envolve o ser que vive - o espírito - e a ferramenta com a qual se manifesta - a matéria, ligando conceitos aparentemente antagônicos para formar um corpo de ideia entre as teorias monista e dualista.

A questão de número 61 do Livro dos Espíritos esclarece quanto a unidade de características da matéria orgânica e da inorgânica, reduzindo a um denominador comum, isto é, ambas são apenas matéria. Nesta mesma questão, os espíritos usam o termo "animalizada" para o corpo orgânico não inerte. No artigo intitulado O Átomo de Carbono, publicado no Jornal Correio Espírita em abril de 2015, apresentamos e mais detalhes o que são matéria orgânica e inorgânica.

Assim, "animalizada" seria o termo utilizado pelos espíritos para distinguir um corpo inerte daquele que aparenta estar vivo. Para que haja a vida aparente é necessário a combinação da matéria orgânica com um outro componente: o fluido vital. A animalização, portanto, é decorrente da relação entre matéria e fluido vital e não de um ou outro componente separadamente, contudo, ambos tem uma origem comum: o fluido cósmico.

Sendo um agente, e não o próprio corpo, o fluido vital pode ser emanado pelo corpo, assim, seus efeitos foram observados por muitos estudiosos anteriores e contemporâneos de Kardec. Em decorrência do fato de que se sabia muito pouco sobre a eletricidade e o magnetismo (aquele da atração e repulsão de certos materiais), havia a tendência de se creditar o que não era conhecido como sendo fenômenos elétricos ou magnéticos. Desta forma, os fenômenos decorrentes da exteriorização de fluido vital por certas pessoas eram tidos por forças elétricas ou magnéticas, cunhando os termos "eletricidade animal" e "magnetismo animal".

O Espiritismo informa sobre a existência do fluido cósmico; diz que este fluido apresenta "propriedades especiais" que o diferem da matéria, contudo, ainda é a base da matéria. Trouxe, ainda, o conceito de "fluido" em referência aos estados da matéria mais sutis que sua forma mais bruta conhecida na Terra. Como poderia ser esperado, surgiram os termos "fluido magnético" e "fluido elétrico", utilizados inclusive pelo próprio Kardec,

em referência à matéria sutil de qualidade específica que é emanado pelo ser encarnado. Contudo, questionando os espíritos a este respeito, na questão número 65, também d'O Livro dos Espíritos, Kardec obteve esclarecimentos à respeito:

65. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

“Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.”

Portanto, os espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana deixam claro que fluido elétrico ou magnético animalizado se trata do próprio fluido vital. O uso de terminologia única, em conformidade com a orientação espiritual, facilitaria o estudo e evitaria dificuldades de entendimento sobre esta questão.

Similarmente, os termos "magnetismo" e "magnetização", ainda muito utilizados no movimento espírita, deveriam ser substituídos pela terminologia apresentada no Pentateuco, que seriam "fluido" e "emissão de fluido", respectivamente. O último, quando direcionado a alguém, pode ser traduzido por "doação de fluido", pois evitaria a interpretação equivocada e a natural comparação com o magnetismo como conceituado no âmbito da Física.

Portanto, por "matéria viva" deve-se entender como matéria que está combinada com fluido vital, componente que lhe confere condições para que o espírito possa interagir, seja momentaneamente, como nos fenômenos físicos, ou por períodos mais longos, como nas reencarnações.

A análise destas considerações nos leva à compreensão de que a matéria orgânica, quando ligada ao espírito, apresenta a possibilidade de produzir/assimilar/reter o fluido vital, enquanto a matéria inorgânica apenas pode ser impregnada para uso momentâneo.

Julho de 2015

Estados da Matéria

As fases ou estados físicos da matéria mais conhecidos são: sólido, líquido, gasoso; dois outros estados não tão conhecidos são o plasma e o condensado de Bose-Einstein. Estes dois últimos foram descobertos mais recentemente e são formados em condições específicas que não fazem parte da vida cotidiana.

Os estados sólido, líquido e gasoso estão relacionados com o espaçamento entre as moléculas e o nível de vibração em que se encontram. O exemplo clássico e muito conhecido é a água, pois, gelo, água para beber e vapor d'água fazem parte integrante de nossas vidas. Nestas três situações o composto químico é o mesmo, porém suas moléculas se encontram em diferentes condições de energia.

O quarto estado da matéria foi descoberto pelo cientista William Crookes, inicialmente denominado de "estado radiante da matéria", mas, foi substituído pelo nome de plasma. O plasma é similar ao estado gasoso, porém uma parte das moléculas estariam ionizadas, isto é, perderam ou receberam um elétron, o que pode ser decorrente de aquecimento, por exemplo. O plasma é encontrado no sol e lâmpadas de néon.

O condensado de Bose-Einstein é formado por alguns fluidos em muito baixa temperatura quando ocupam o mesmo estado quântico. Em tal condição todos os átomos se comportam como se fossem um único átomo. Estas propriedades ainda não são completamente conhecidas.

As fases citadas são reconhecidas e descritas pela ciência acadêmica, por assim dizer. Contudo, a ciência espírita apresenta dois outros estados, se é que podemos nos referenciar desta forma, para a matéria na condição dos encarnados: matéria "viva" e matéria "morta".

Tomemos uma mesa, por exemplo, no estado mais comum, a matéria que a constitui pode ser considerada como "morta". Todavia, mediante a adição de certa quantidade de fluido vital, aquele corpo que se caracteriza como uma mesa adquire propriedades especiais que a caracteriza no estado de "viva" podendo, nesta condição específica, sofrer a ação de um espírito e se comportar segundo a vontade deste.

Na edição de maio de 2015 do Jornal Correio Espírita, no estudo intitulado Matéria Viva, concluímos que "por 'matéria viva' deve-se entender como matéria que está combinada com fluido vital, componente que lhe confere condições para que o espírito possa interagir, seja momentaneamente, como nos fenômenos físicos, ou por períodos mais longos, como nas reencarnações."

Na tentativa de apresentar uma comparação para demonstrar o conceito que se deseja apresentar, podemos dizer que para transformar o estado da água líquida em vapor é necessário ceder calor à massa de água, enquanto que, para transformar o estado de matéria morta em viva de um corpo qualquer é necessário ceder fluido vital.

Logicamente que a Doutrina Espírita apresenta outras fases para a matéria, são as diferentes condições de expressão do fluido numa gama de variedades sem par. Todavia,

estas fases são ainda de difícil entendimento e, mais que isso, ainda sem possibilidades de serem observados pelos meios atualmente disponíveis.

O fluido vital, por sua vez, se distingue dos outros derivados do fluido cósmico, pela possibilidade de seus efeitos serem percebidos mais facilmente no nosso meio, tal como nos tratamentos espirituais ou nas mesas girantes. Em decorrência desta possibilidade, pode ser observado e quiçá analisado em sua forma mais próxima da matéria densa para, gradativamente, em conformidade com o avanço do conhecimento, ser possível analisar a composição de suas expressões mais sutis.

Cabe ao Espiritismo essa vanguarda, pois este tipo de fluido, assim como os fenômenos correspondentes, repousam nos eventos espíritas que já foram motivo de estudos por uma parte grande de cientistas de outrora, no período em que esta Doutrina estabeleceu as leis que regem o fluido e nos anos que se seguiram.

Temos, nas palavras de Gabriel Delanne, no livro *O Espiritismo Perante a Ciência*, o seguinte relato do movimento científico, da sua época, com relação ao estudo dos fenômenos espíritas: "O Espiritismo deixa de parte as teorias nebulosas, desprende-se dos dogmas e das superstições e vai apoiar-se na base inabalável da observação científica; os próprios positivistas poderão declarar-se satisfeitos com as provas que fornecemos à discussão, porque elas nos são trazidas pelos maiores nomes de que se honra a ciência contemporânea." e "Hoje, mais de 40 publicações, mensais ou semanais, levam ao longe o resultado das pesquisas empreendidas em todas as partes do mundo, e seus partidários, grupados e, sociedade, contam muitos milhões de aderentes em toda superfície do globo".

Infelizmente, em algum momento, nós, como espíritas, nos perdemos desse caminho de desenvolvimento e divulgação do Espiritismo como uma ciência que dispõe de possibilidades que vão além daquelas ao alcance da Ciência Acadêmica ou Convencional, deixando de cumprir um imperioso papel na evolução humana.

Agosto de 2015

Instinto e Sentimento

Existem alguns termos que causam certa dificuldade de entendimento em decorrência de interpretações que lhes são atribuídos. Todavia, o uso de uma terminologia adequada possibilita a compreensão mais precisa de frases e, até mesmo, de textos inteiros. Dentre os termos de uso comum e que, muitas vezes, causam interpretações equivocadas daquilo que se pretende inferir, estão: instinto, inteligência e sentimento.

Até há pouco tempo se acreditava que os animais possuíam apenas instinto, isto é, todo o seu comportamento e atos seriam decorrentes de processos instintivos, como se uma força oculta os impulsionasse nas ações, sem que nenhum processo decisório os motivasse. Em decorrência disto, é comum se considerar que, instinto e inteligência, sejam duas coisas distintas e, por isso, também se considera não coexistirem num mesmo ser.

Com o avanço do conhecimento e dos experimentos envolvendo animais, apesar das controvérsias naturais nas situações onde há mudança de paradigma, está cada vez mais claro que os animais apresentam capacidade cognitiva; umas espécies mais, outras menos, mas sempre presente.

Neste prisma, instinto e inteligência apresentariam uma origem comum, pois seriam integrantes da essência do próprio ser vivo. Neste contexto, pode-se ressaltar a colocação do psiquiatra suíço, considerado o “pai da psicologia analítica”, C. G. Jung, que disse o seguinte com relação ao seu conceito de inconsciente coletivo: “Teoricamente deveria ser possível extrair, de novo, das camadas do inconsciente coletivo não só a psicologia do verme, mas até mesmo a da ameba”.

Todavia, antes disto, ainda no século XIX, foi disponibilizado na Codificação Kardequiana, mas precisamente em O Livro dos Espíritos, informação pertinente a este respeito. Na questão 73 encontramos o seguinte:

O instinto independe da inteligência?

“Precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres provêm às suas necessidades.”

Em decorrência do uso equivocado dos termos, muitas vezes acreditamos que os instintos são os responsáveis pelas paixões que devemos nos libertar na caminhada evolutiva. Contudo, não necessariamente é assim, ou melhor, não podemos generalizar. A respeito deste ponto, encontramos uma afirmação, ainda em O Livro dos Espíritos, questão 75, que diz: “...o instinto existe sempre, ... O instinto também pode conduzir ao bem...”

Apreende-se da questão 75, que os instintos não são necessariamente negativos, assim como a própria inteligência humana, que pode ser utilizada para o desenvolvimento

de coisas muito boas, como, também, de coisas muito más. O uso que se faz das faculdades que temos à nossa disposição é que vai apresentar qualidades boas ou más, e não a faculdade em si.

Considerando a questão do instinto como na interpretação comum, tais como atos impensados movidos pela força das coisas ou como sendo responsável pelas paixões, incorreríamos num equívoco que poderia causar dificuldades de entendimento de outros pontos, tal como a questão 621:

Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

Segundo a questão 621, portanto, o instinto mais básico e principal que traríamos conosco desde o início estaria relacionado com as próprias Leis de Deus, isto é, a Providência. Assim, podemos concluir que: 1) os instintos, realmente, nem sempre são maus e; 2) como existem os instintos maus, e estes não fazem parte das Leis de Deus, verifica-se que muitos instintos são desenvolvidos ao longo da jornada evolutiva cujas qualidades serão boas ou não, dependendo dos pendores do espírito.

Podemos, dessa forma, compreender a colocação do espírito Lázaro encontrada n’O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XI:

“O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos.”

Na origem, segundo Lázaro, o espírito só tem instintos - as Leis de Deus - quando avança e se corrompe, só tem sensações. Contudo, ainda segundo Lázaro, o sentimento tem origem no próprio instinto, como seria de se esperar, haja vista que, como foi dito, o instinto mais básico seria as Leis de Deus que conduz o espírito ao, que podemos denominar de, amor divino. É preciso considerar que “estar corrompido” não pode ser uma fatalidade na leis da evolução, portanto, pode-se evoluir sem se corromper.

Nos casos de espíritos ligados à um mundo de expiações e provas, como o planeta Terra, os espíritos que aqui habitam corromperam seus instintos mais básicos, privilegiando a sensação em detrimento do sentimento. Através do desenvolvimento do discernimento, auxiliado pelo conhecimento Espírita, o espírito buscará sua essência espiritual e as Leis de Deus escritas na consciência.

Setembro 2015

A Inteligência

Existem certos temas aos quais os espíritos que se dedicaram a ditar a Codificação Kardequiana encontraram dificuldades para tecer explicações a respeito em decorrência da limitação de linguagem para descrever conceitos abstratos, acarretando, assim, certa dificuldade de entendimento.

Estes temas são complexos em certo sentido, mas que deveriam ser simples por se tratar da nossa própria essência; um deles é a inteligência e os correlatos.

Analisando o O Livro dos Espíritos encontramos perguntas e respostas sobre esta temática que demonstram o que foi dito anteriormente e que são apresentadas a seguir:

Pergunta 23: Que é o Espírito?

Resposta: "O princípio inteligente do Universo."

Pergunta 72: Qual a fonte da inteligência?

Resposta: "Já o dissemos; a inteligência universal."

Pergunta 72 a: Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

Reposta: "Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número."

Pergunta 76: Que definição se pode dar dos Espíritos?

Resposta: "Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material."

Em nota à pergunta 76, Kardec esclarece que, neste caso, "a palavra Espírito é empregada para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo".

Temos, ainda, na resposta à pergunta 237 a seguinte referência: "a inteligência é um atributo, que tanto mais livremente se manifesta no Espírito, quanto menos entraves tenha que vencer."

Baseado nas perguntas e respostas apresentadas acima, podemos iniciar um processo de concatenação de informação visando clarear, mesmo que levemente, este tema, pois poderá conduzir a melhor entendimento do que se trata a própria essência espiritual. As perguntas foram elaboradas por Kardec com as limitações decorrentes da

sua condição de encarnado, e as respostas, por sua vez, são restringidas pelas próprias limitações de entendimento daquele que pergunta.

A resposta à pergunta 72 conduz ao entendimento da existência de uma fonte para a inteligência. Contudo, como ainda restou dúvidas, Kardec formulou nova pergunta e, percebendo que poderia haver falta de clareza, optou por associar uma com a outra, diferenciando apenas pelo índice (a), ao invés de ser apresentada como uma pergunta independente. As duas perguntas devem, portanto, ser consideradas em conjunto.

Ao analisar as duas perguntas e respostas conjuntamente, verifica-se não se tratar de uma "fonte de inteligência", onde cada um coletaria uma porção, mas, muito mais que isso, trata-se de uma faculdade. A "fonte" não deve ser considerada em termos de uma massa, ou algo semelhante, de inteligência, mas que proveria a faculdade em si. Contudo, utilizar o termo "fonte de uma faculdade" ainda não esclareceria muito.

Recorrendo à questão 76 encontramos indicativos que podem fornecer um pouco mais de material para esta questão, pois diz que "os espíritos são os seres inteligentes da criação". Desta forma podemos considerar que a inteligência faz parte da própria essência da criatura. Vale ressaltar que a nota de Kardec atesta, nesta pergunta, que a referência é a própria individualidade. Portanto, o espírito não seria uma estrutura na qual é adicionado uma porção de inteligência. Estando uma intrinsecamente na outra, não podem ser dissociadas.

Diante destas colocações, estamos em condições de avaliar a pergunta 23, na qual Kardec questiona diretamente o que seria o espírito. A resposta, extremamente simples e direta, não entra em contradição com as outras respostas correlatas, pois não diz que espírito é inteligência, mas que é "o princípio inteligente do Universo".

Segundo a pergunta 1 d'O Livro do Espíritos, a inteligência em si é Deus. Portanto, excetuando a Divindade, não existiria inteligência pura e simplesmente, mas apenas a sua manifestação em uma estrutura, no caso, a espiritual.

A "mágica" da criação do espírito está a sua própria essência. A "composição" espiritual pode ser entendida como uma estrutura em que os agentes constituintes promovem o surgimento e a manifestação da inteligência.

Visando melhorar o entendimento do que se pretende dizer, podemos comparar com o concreto utilizado nas construções. A massa do concreto é formada por cimento, água, areia e pedras. Caso um destes componentes esteja ausente na mistura, a massa formada poderá ser qualquer coisa, menos concreto. Será necessário que todos os ingredientes estejam presentes para que as características básicas do concreto surjam.

Portanto, a natureza íntima do espírito propicia uma característica intrínseca: a inteligência em si, propiciando ao espírito o auto desenvolvimento, em outras palavras, uma estrutura autônoma capaz de proporcionar sua própria evolução através das suas decisões diante daquilo que aprende e vivencia.

Outubro de 2015

Origem dos Espíritos

Este tema não é trivial e a dificuldade pode ainda ser aumentada devido à atavismos nos conceitos estabelecidos e aceitos. Contudo, como somos estimulados à análise da informação disponível e, mais ainda, impulsionados ao questionamento e à busca das respostas, nos cabe, então, tentar ampliar esta questão à luz da Doutrina Espírita, considerando algumas perguntas elaboradas por Kardec e as respectivas respostas. Encontramos muita informação distribuídas nos livros da Codificação Kardequiana e podemos alinhar variados pontos para formar um conceito.

Em maio de 2014, publicamos um artigo no Jornal Correio Espírita, intitulado Fluido Universal, no qual foi analisada detalhadamente a questão de número 27 d'O Livro dos Espíritos. Nesta análise, foi possível concluir que há duas formas de interpretar a resposta fornecida: 1) Se considerarmos o fluido universal como matéria, então, o espírito também seria matéria e; 2) Se considerarmos o fluido universal como não sendo matéria, então, o espírito seria imaterial.

Contudo, ainda no mesmo artigo, correlacionando com a questão 82 do mesmo livro, a qual diz, com relação ao espírito, que "imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato...", não se poderia, por um lado, afirmar categoricamente que o fluido universal seja matéria e, por outro, não se pode dizer categoricamente que não o seja.

Este é um dilema para o qual podemos chegar a uma única conclusão: a melhor definição para fluido universal é "fluido universal", ainda sem comparações ao que é conhecido na condição evolutiva da Terra. É preciso ter em mente que o fluido universal se distingue da matéria por "propriedades especiais", como também consta na resposta à questão 27. Contudo, não é especificado quais seriam estas propriedades especiais.

Ainda há outro fator importante que necessita ser endereçado nesta abordagem, pois, encontramos, ainda na resposta à questão 27, que há uma correlação ou ligação entre espírito e fluido universal. Ao dizerem que "se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse" podemos inferir uma essência comum.

Na questão 81 de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta se os espíritos são formados espontaneamente ou procedem uns dos outros e obtém como resposta que "Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério". Apesar de ser um mistério, podemos estar certos de que a origem dos espíritos é a vontade de Deus, somos Criação Sua, deixando claro que o espírito não surge do nada, nem espontaneamente.

Somos levados a considerar que, sendo uma criação, o espírito é alguma coisa real, tendo uma existência, portanto, sendo uma estrutura. O interessante é que apesar de estarmos tratando da nossa própria essência, esta se encontra além da nossa compreensão. Nesta linha de raciocínio, surge, naturalmente, o questionamento sobre que tipo de estrutura, ou melhor, do que seria constituída.

Neste ponto especificamente, podemos elaborar algumas considerações sobre as "propriedades especiais" do fluido universal e encontramos material muito interessante na questão 79 d'O Livro dos Espíritos que pode auxiliar ao entendimento:

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

"Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos."

É de aceitação comum que a matéria é decorrente do fluido universal e se considera este como sendo matéria. Contudo, em uma visão menos restritiva para o fluido universal e sendo Deus a inteligência absoluta, podemos supor que não haveria diversas fontes para tudo que necessitasse ser Criado. Sendo o fluido universal a base das mais variadas necessidades, o repositório do gérmen, ou princípio, de tudo, podemos vislumbrar que as propriedades especiais a que os espíritos se referem são estes variados princípios, incluindo o princípio inteligente.

Poder-se-ia dizer, com base em tudo o que foi apresentado, que o espírito criado é capaz de, com o poder mental, formar corpos materiais nas mais variadas faixas de expressão através da individualização do princípio material presente no fluido cósmico. Pode-se, ainda, dizer que Deus, sendo "a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas", é capaz de atuar no princípio inteligente e nas propriedades especiais do fluido universal, criando em toda a pujança obras que transcendem ao tempo.

Deus, pela sua vontade, é capaz de criar e obras que transcendem ao tempo, criar espíritos imortais, seus filhos, obviamente que, a forma como os cria, ainda permanece um mistério.

Novembro de 2015

O Mistério da Origem dos Espíritos

O artigo intitulado Origem dos Espíritos, publicado no Jornal Correio Espírita em outubro de 2015, terminou com a seguinte frase: "Deus, pela sua vontade, é capaz de criar e obras que transcendem ao tempo, espíritos imortais, seus filhos, obviamente que, a forma como os cria, ainda permanece um mistério". Sob este contexto, podemos nos questionar o motivo pelo qual é um mistério.

Muitos podem dizer que não temos condições de compreender, outros que não temos palavras no nosso vocabulário para descrever as "coisas" de Deus, outros, ainda, podem considerar um sacrilégio adentrar, mesmo que superficialmente, nos desígnios do Criador. Contudo, seguindo a premissa básica do Espiritismo: amai-vos e instrui-vos, podemos elaborar algumas considerações sobre o tema para que, num futuro próximo ou distante, não importa, estarmos em condições de compreender um pouco mais sobre a obra da Criação.

A falta de palavras, por si só, não deveria ser motivo para não termos uma explicação a respeito de qualquer tema, pois conceitos são descritos por um conjunto amplo de palavras e não por uma ou poucas. Poucas palavras são utilizadas em definições, que são restritivas, não havendo, necessariamente, limitações no número de palavras para explicações.

Tampouco podemos considerar um sacrilégio, pois, para o espírita não deveria haver coisas sagradas, místicas ou defesas ao questionamento.

Das opções apresentadas acima, só nos resta a possibilidade de não estarmos em condições de compreender. Entretanto, a falta de condições para compreender algo está relacionada com a ausência de conhecimento básico ou paradigma inadequado para o entendimento do tema.

O paradigma solidamente estabelecido na humanidade é aquele que rege todos os pensamentos elaborados, possíveis e imagináveis, para a vida cotidiana, aquele que rege nossas decisões, idas e vindas: a concretude do tempo e o espaço.

Tanto o tempo quanto o espaço estão relacionados com o nosso universo conhecido que, muitas vezes, no meio religioso, é considerado como uma "Criação de Deus", como se encontra no livro Genesis do Velho Testamento, em que relata o processo de criação com comandos verbais da própria divindade. Esta premissa conduz ao raciocínio de que tudo que é observado estaria relacionado com o processo da Criação; premissa errônea que gera tantas outras premissas igualmente equivocadas.

A partir da teoria dos fluidos como bem apresentado pelo Espiritismo, na qual prega a existência de um componente elementar: o fluido universal, e que este, por sua vez, sofre a ação do pensamento dos espíritos na formação de corpos materiais, conclui-se que o nosso universo conhecido é decorrente da ação mental de espíritos evoluídos para servir de morada para os que lhes são inferior, evolutivamente falando. André Luiz, no livro Evolução em Dois Mundos, descreve em detalhes o processo de formação do nosso

universo como sendo uma co-criação daqueles que ele denominou de “prepostos de Deus”.

Desta forma, Deus e suas criações, os espíritos, não podem estar ligados ou limitados ao tempo e ao espaço. Assim, é preciso considerar que o processo de Criação dos espíritos não está atrelado ao tempo. Portanto, dizer que este ou aquele espírito é mais velho ou mais antigo que outros é limitar Deus ao que nos é conhecido.

Os termos “Deus cria sempre” e “os espíritos tiveram um início” são utilizados para viabilizar algum tipo de interpretação, mesmo que restrito, em decorrência das limitações humanas para transcender às ideias que nos prendem à um mundo de expiação e provas, que é a capacidade de elevar a mente ao transcendental e conceber a realidade do espírito.

Analisando a questão 78 d'O Livro dos Espíritos percebemos claramente um certo jogo de palavras que, supomos, visa a possibilidade de algum tipo de interpretação. A referida questão contrapõe tempo e eternidade, isto é, ao mesmo tempo que usa termos do tipo “momento” e “quando”, que designam tempo, também fala em eternidade, extrapolando o conceito de temporalidade. Percebemos que, na resposta, os espíritos que responderam ao questionamento chegaram a dizer que é possível considerar que os espíritos não tenham tido um princípio se consideramos a eternidade de Deus.

Deus está fora do tempo e, portanto, não faz sentido em criar um depois do outro. Em contrapartida, sob o mesmo raciocínio, não pode ter criado todos de uma vez, pois também seria uma designação de tempo.

A Criação dos espíritos é um mistério neste sentido apresentado e sem abstrairmos das limitações impostas pelo tempo e pelo espaço enquanto conceito, teremos dificuldades de compreender aquilo que transcende e, inclusive, a nossa própria essência espiritual.

Dezembro de 2015

Mundo dos Espíritos

N'O Livro dos Espíritos, uma simples pergunta e uma resposta, igualmente simples, podem encobrir uma complexidade muito grande, assim, a aparente simplicidade seria decorrente apenas das limitações de compreensão de espíritos encarnados num mundo de expiação e provas, necessitando de muito cuidado e atenção para melhor avaliação e, com isso, entendimento mais adequado, ainda que precário.

Um bom exemplo da necessidade de avaliação cuidadosa é a questão do mundo dos espíritos e o dos encarnados. Historicamente se considera que a alma dos mortos iriam para regiões bem definidas, dependendo de seu comportamento durante a vida, tais como o céu, o inferno e o purgatório. Contudo, também se considerava a possibilidade de almas vagarem pela crosta, porém isto nunca foi um ponto bem esclarecido, surgindo expressões como "alma penada". Todavia, os vivos, que perambulam sobre a crosta, não são comumente vistos como almas, são noções distorcidas que não se pensa muito a respeito.

Diante de muitos conceitos apresentados pela Doutrina Espírita, trazemos algumas ideias preconizadas e que constituem peças aquetípicas em nossa mente, mas que precisam ser lapidadas.

A pergunta de número 84 d'O Livro dos Espíritos traz algum esclarecimento que necessita de uma leitura atenta:

84. Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos?

"Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas."

Inicialmente, pode-se considerar que "mundo dos espíritos" se refere ao local onde os espíritos, os "mortos", habitam, diferente daqueles que "nós", os "vivos", habitamos. Contudo, nós também somos espíritos, portanto, este mundo que conhecemos, mais especificamente o planeta Terra, também deveria ser denominado de "mundo dos espíritos".

Desta forma, como interpretar a pergunta e a resposta? O que querem dizer com "mundo dos espíritos"? Talvez, apenas talvez, possamos encontrar uma pista na sequencia da resposta, que diz: inteligências incorpóreas.

Interpretando "mundo" como uma condição e não uma região no espaço, tal como o "mundo das artes" ou "mundo das ideias", podemos, então, compreender a distinção entre "mundo dos espíritos" e "mundo material". Cada qual se relaciona com uma condição diferente e, por isso, até certo ponto, incompatíveis, tal como "Não se pode servir a Deus e a Mamom".

Esta incompatibilidade seria a causadora da atual característica de expiação do planeta Terra. Estas condições incompatíveis foram trabalhada por Léon Denis, em seu livro O Problema do Ser e do Destino, no capítulo XXI, em que diz:

"Abaixo da superfície do eu, superfície agitada pelos desejos, pelas esperanças e pelos temores, fica o santuário onde reina a Consciência Integral, calma, pacífica, serena, o princípio da Sabedoria e da Razão, das quais a maioria dos homens só toma conhecimento através de surdas impulsões ou vagos reflexos entrevistos.

"Todo o segredo da felicidade, da perfeição está na identificação, na fusão em nós desses dois planos ou focos psíquicos. A causa de todos os nossos males, de todas as nossas misérias morais está na sua oposição."

Utilizando, então, a terminologia de Léon Denis, pode-se dizer que o mundo dos espíritos é a região da Consciência Integral e que, por uma degeneração do processo evolutivo, gerou-se, na estrutura psíquica, a superfície do eu, conturbada por diversos interesses que não estão relacionados com a primeira.

Importa ressaltar que a "degeneração do processo evolutivo" não significa degeneração do espírito, mas apenas um desvio na caminhada rumo à perfeição. Nesse desvio, o espírito se preocuparia com questões outras, não condizentes com sua essência espiritual e seus interesses relacionados com a evolução. A dicotomia criada entre o dever e o querer seria o motivo pelo qual o estado de expiação se estabelece.

Como espíritos, estamos sujeitos às Leis de Deus e essas leis são expressas pela Providência. Desta forma, a relação entre padrão mental e consequências deve ser um processo automático ativando "gatilhos" na Providência. Com isso, o estado mental relacionado com a dicotomia ativa "gatilhos" relacionados com processos expiatórios.

Neste contexto, os eventos de prova seriam decorrentes do entendimento do espírito em vivenciar uma situação qualquer para a estruturação mental adequada, isto é, fortalecimento de suas decisões em determinada direção visando demolir ilusões sobre pontos específicos.

Podemos, então, entender "mundo dos espíritos" como sendo: a) a condição do espírito na erraticidade, sem se relacionar com regiões do espaço podendo, inclusive, dividir o mesmo espaço com os encarnados e; b) o mundo que deve ser o foco de todos os espíritos, encarnados ou não, sua essência e, por isso, objeto principal de seus interesses pessoais norteando todos os seus atos, no plano físico ou na erraticidade, se liberando da dicotomia e servindo a Deus em todos os momentos.

Janeiro de 2016

Mundo Principal e Mundo Secundário

Claudio C. Conti

Em artigo anterior, publicado no Jornal Correio Espírita de dezembro de 2015, discutimos e aprofundamos um pouco mais no significado de “mundo dos espíritos”, ao analisar a questão 84 d’O Livro dos Espíritos. Na ocasião, enfatizamos duas possibilidades para o “mundo dos espíritos”: a) a condição do espírito na erraticidade, sem se relacionar com regiões do espaço podendo, inclusive, dividir o mesmo espaço com os encarnados e; b) o mundo que deve ser o foco de todos os espíritos, encarnados ou não, sua essência e, por isso, objeto principal de seus interesses pessoais norteando todos os seus atos, no plano físico ou na erraticidade, se liberando da dicotomia e servindo a Deus em todos os momentos.

No intuito de aprofundar ainda mais nesta questão, que apresenta certa complexidade para o entendimento sob o ponto de vista de encarnado, Kardec, considerando a existência de dois mundos distintos apresenta o seguinte questionamento na questão 85 d’O Livro dos Espíritos: Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas? A resposta não poderia ser mais clara: “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

A questão 85 projeta alguma luz sobre o tema, pois afirma que o mundo espírita é, não apenas o principal, mas aquele que preexiste e sobrevive a tudo. Assim, temos que o mundo corpóreo, além de secundário, não possui uma existência intrínseca, isto é, não existe por si só, sendo decorrente do principal, e é finito no tempo.

André Luiz (espírito), sob a psicografia de Francisco C. Xavier, no livro intitulado *Evolução em Dois Mundos*, utilizou a terminologia “criação” e “co-criação” para distinguir entre as obras de Deus e as dos espíritos. Desta forma, utilizando a mesma terminologia, pode-se dizer que o mundo material, ou corpóreo, sendo decorrente do mundo espírita, deve ser considerado como uma co-criação.

Os dois mundos, sendo decorrentes da dicotomia entre os interesses que o espírito deveria ter e aqueles que atualmente possui, são um processo dinâmico, inseparáveis enquanto a dicotomia existir.

O mundo material, apesar de ser uma co-criação decorrente dos processos mentais dos espíritos agindo no fluido cósmico, é alguma coisa, isto é, não se trata apenas de uma existência psíquica sem existir fisicamente. Este conceito é, algumas vezes, confundido com o niilismo, no qual não haveria uma condição material, mas apenas psíquica. A visão espírita deixa claro a realidade material.

Desta forma, o mundo corporal existe, contudo, não é estático ou independente dos seres vivos. Os fenômenos materiais estão em conformidade com os espíritos que estejam ligados ao mundo; sofrendo a ação destes e reagindo sobre eles mesmos.

Diante do exposto, podemos perceber mais claramente a Providência agindo sobre os espíritos. Os processos mentais dos espíritos exercem uma ação nos mais variados fenômenos materiais, contudo, para que possamos entender os efeitos dos nossos pensamentos, em decorrência da nossa ligação íntima com a matéria na qual atuamos,

faz-se perceber em nós mesmos o efeito destes pensamentos ao sentirmos a reação dos processos materiais.

Espíritos ligados à um mundo de expiação e provas apresentam as características da teimosia e de não se atentar para o que lhes acontece ao redor. Em decorrência desta falta de atenção, muitas vezes, é necessário que as situações que vivenciam atinjam situações extremas que, infelizmente, conduzem ao sofrimento cuja intensidade estará diretamente relacionada com o grau de teimosia e desatenção.

A relação íntima entre o “mundo espiritual” e o “mundo material”, com um agindo e o outro reagindo está explicitado nas seguintes questões d’O Livro dos Espíritos:

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.”

87. Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, ... Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.”

Nesta interação entre o que podemos chamar de “dois mundos”, o espírita e o material, o processo inicial de interação sempre partirá do ser inteligente, isto é, o espírito. Esta interrelação íntima, sem uma distinção de fronteiras bem definidas, estabelece a coexistência de todos os espíritos em uma determinada faixa evolutiva, independentemente da condição transitória da encarnação.

Fevereiro de 2016

Forma do Espírito

O item Forma e Ubiquidade dos Espíritos, n'O Livro dos Espíritos, consiste da questão 88 à 92, sendo que a ubiquidade propriamente dita é tratada apenas na 92. Da questão 88 à 91 Kardec aborda dois tópicos: um relacionado com a forma do espírito e outro sobre a influência do meio sobre o espírito, tais como percorrer distância, obstáculo que a matéria pode impor, etc. Apesar de parecerem distintos, esses dois temas foram tratados conjuntamente, portanto, devem estar relacionados em algum grau.

Um mundo como a Terra, por ser constituído de matéria muito densa, está atrelado à forma e, em geral, o modo pelo qual seus habitantes elaboram o pensamento e a capacidade de análise são baseados em formas. O pensamento concreto é mais fácil para a concepção da mente humana, enquanto que o pensamento abstrato, relativamente mais complexo e demanda maior esforço, ainda é exercido por uma pequena parcela da população, pois, via de regra, se acredita não ter utilidade prática.

O pensamento abstrato conduz o homem ao entendimento de questões que transcendem a vida na matéria, preparando o indivíduo para alçar vôos cada vez mais altos, conceber os mistérios da divindade, o motivo da existência em um sentido mais profundo do que a satisfação dos desejos, dentre outros.

Na questão 23a d'O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta sobre a natureza íntima do espírito e obtém, como parte da resposta, que o espírito é alguma coisa, pois o nada não existe. Então, forçosamente, o espírito deve ter uma forma, embora ainda incompreensível para a mente humana. Por esse motivo os espíritos responsáveis pela Codificação deixaram claro, na questão 88 que o espírito não tem uma forma para nós, especificamente. Sendo que, por "para nós", deve-se entender para aqueles que mantêm a mente presa nos padrões da matéria e para os quais o conceito de "forma" está atrelado à formas geométricas e suas diversas combinações, com as quais estruturam-se os objetos e corpos, desde os mais simples aos mais complexos, desde os extremamente pequenos, como as moléculas, aos muito grandes, como os planetas.

Assim, para a limitação da mente humana, na continuação à resposta da questão 88, eles dizem que "O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea". Nesta comparação, no intuito de facilitar a compreensão, mesmo que em grau extremamente limitado, correlacionam a forma do espírito com "coisas" que não possuem um contorno bem definido, tal como uma chama ou um clarão.

Contudo, para aqueles cujas referências são outras que não a matéria densa da Terra, os espíritos possuem uma forma bem definida, o que deixam claro ainda na questão 88 ao dizerem "Para vós, não; para nós, sim".

Portanto, podemos considerar que somos conduzidos na compreensão de que a natureza íntima do espírito não deve ser interpretada pelos padrões que estamos acostumados a raciocinar, isto é, os padrões terrenos. Assim, conclui-se que, não estando

sob os padrões da Terra, o meio material não impõe limitações ao espírito quando liberto (desencarnado) ou desligado temporariamente (desdobramento natural ou induzido).

Partindo do princípio que, ao atingir determinado nível evolutivo, o espírito não mais estará sujeito ao processo reencarnatório, podemos concluir que a encarnação é, em si mesma, uma condição anômala do espírito. Durante esta etapa da sua existência, se estabelecerá uma ligação bem definida entre espírito e matéria, visando uma finalidade específica. Somente durante a condição de encarnado que a matéria que compõe o corpo físico, e apenas esta, exercerá obstáculo para o espírito. A matéria do meio onde o encarnado se encontra exercerá limitações e obstáculos outros à própria matéria do corpo físico, e não ao espírito em si. Obviamente que, exercendo limitação ao corpo físico, a matéria do meio exercerá limitações ao espírito também, todavia, indiretamente.

Assim, temos que o corpo físico exerce limitação direta, enquanto que a matéria do meio exerce obstáculos de forma indireta, impondo limitação de velocidade de deslocamento, impossibilidade de atravessar corpos sólidos, alcance de visão, dentre outros.

A nossa realidade espiritual e nossa própria estrutura como espíritos ainda são desconhecidas por nós. Em outras palavras, podemos dizer que não sabemos sequer o que somos e como nos apresentamos. Vivemos imersos em conflitos pessoais, comportamentos egoístas e orgulhosos, apenas nos dedicando à satisfação de necessidades duvidosas; despendemos muita energia para uma vida fictícia e pouca ou nada para a vida real, inerente à natureza espiritual. Aqueles que se dedicam à esta vida real são comumente considerados como estranhos, fora do normal, contudo, vivem uma realidade diferente, sob outros conceitos e valores e, por isso, os interesses comuns aos encarnados não são tão interessantes para eles.

Março de 2016

Ubiquidade dos Espíritos

Por ubiquidade entende-se a propriedade de se estar em todos os lugares ao mesmo tempo, cujo sinônimo seria "onipresença". A onipresença, por sua vez, conduz à onisciência, isto é, a capacidade de saber ou conhecer tudo. Como entender a ubiquidade com relação ao espírito?

A Doutrina Espírita nos esclarece, mais precisamente no livro A Gênese, que a onipresença é uma das propriedades da divindade, isto é, de Deus. Obviamente que necessitamos compreender que a nossa visão de Deus é extremamente limitada, portanto, muitos dos atributos com os quais tentamos compreendê-lo são, também, limitados. Todavia, é o que conseguimos alcançar com a atual capacidade mental.

Com relação ao espírito propriamente dito, esta questão é interessante e apresenta variantes no entendimento, não sendo simples nem trivial.

No artigo publicado no jornal Correio Espírita em fevereiro de 2016, abordamos a forma do espírito e as limitações impostas pela matéria; estas mesmas limitações também restringem o espírito, enquanto ligado ao corpo físico, de se manifestar simultaneamente em diferentes pontos no espaço e, com isso, estar ciente dos acontecimentos nestes locais.

Este tema, quando analisado em profundidade, pode trazer esclarecimentos interessantes sobre alguns fenômenos espirituais, tal como a bicorporeidade ou homens duplos.

O modo mais comum de bicorporeidade ocorre quando o espírito, liberto do corpo, seja pelo sono natural ou transe mediúnico, em ambos casos o corpo permanece inerte enquanto que o espírito está livre para se manifestar, através do perispírito, em outro local, inclusive em estado tangível. Este tipo de fenômeno pode ser explicado pelas propriedades do perispírito e, neste caso, o espírito age em apenas um local. Todavia, a manifestação do espírito em local diferente de onde está seu corpo pode ocorrer em outros níveis de complexidade, no qual o espírito pode agir em pontos diferentes.

Kardec aborda a ubiquidade dos espíritos n'O Livro dos Espíritos e requer uma avaliação detalhada.

Primeiramente, na questão 92, Kardec pergunta: Têm os Espíritos o dom da ubiquidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

A própria formulação da pergunta já requer cuidados de avaliação para que se possa apreender a intenção de Kardec quando da sua elaboração, pois verifica-se duas perguntas distintas, e não apenas uma conforme possa aparentar. A primeira é com relação a ubiquidade propriamente dita, isto é, se o espírito pode se dividir; mas ele também pergunta se o espírito pode "existir" em mais de um ponto, que também pode ser interpretado por "manifestar".

A resposta à questão apresentada também necessita ser analisada em partes.

Na primeira parte a resposta é: "Não pode haver divisão de um mesmo Espírito." Nesta afirmativa fica claro que o espírito não se divide. Todavia, a onipresença creditada a Deus também não está implícito que haja algum tipo ou forma de divisão da divindade, caso houvesse, seria o conceito de múltiplos deuses.

Na segunda parte da resposta, os espíritos dizem: "mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide."

A interpretação comum sobre a forma de ação do espírito é baseada na premissa de algum tipo de presença física, todavia, no mundo atual já existem vários meios para o encarnado atuar em diversos locais sem que ele esteja fisicamente presente, são os controles à distância, nos quais se utiliza ondas de rádio diretamente ou através da internet. Temos, desta forma, que o encarnado poderá agir em vários locais sem que seja necessário que esteja fisicamente presente. Muitos sistemas de vigilância em empresas e residências são mantidos remotamente, nos quais o interessado poderá acessar de qualquer lugar utilizando, por exemplo, seu telefone celular.

Assim, apesar de não se dividir, o espírito poderá agir em diversos pontos através da sua ação mental e, além disso, supondo que para agir é necessário saber, pode-se dizer que o espírito pode saber o que acontece nestes diferentes pontos. Podemos inferir que, como todas as potencialidade do espírito, a capacidade de ação e as limitações dependerão do grau evolutivo que tenha alcançado. Para os mais elevados, nem o tempo impõe algum tipo de impedimento.

Podemos, então, concluir que: a) Deus é onisciente e onipresente e; b) o espírito é "multipresente" e "multiciente". As palavras "multipresente" e "multiciente" não existem, mas acredito que facilita o entendimento do conceito que se deseja apresentar. Optou-se por esta apresentação da conclusão apesar de alguns dicionários considerarem que ubiquidade pode significar, também, a presença ou existência em muitos lugares e não necessariamente em todos.

Abril de 2016

Perispírito

O Perispírito é de grande importância para o espírito pelos mais diversos motivos, a tal ponto de Kardec afirmar, no livro *A Gênese*, se tratar do produto mais importante do fluido universal. Por este motivo, este tema é fundamental para o entendimento de todos os fenômenos relacionado com a vida do espírito enquanto ligado à um mundo de expiações e provas, tal como o caso da humanidade do planeta Terra.

O perispírito apresenta particularidades que vão muito além de servir de elo entre o espírito e o corpo físico, algumas conhecidas, mas a grande maioria permanece além do nosso entendimento. Algumas destas particularidades conhecidas serão apresentadas neste texto.

Kardec estabelece dois extremos, por assim dizer, o espírito em uma extremidade e o corpo físico na outra. São dois polos muito diferentes entre si, em termos de composição e densidade de expressão. A composição química do corpo é até que relativamente conhecida, mesmo à época da elaboração da *Codificação Espírita*; em contra partida, a constituição do espírito propriamente dito é inalcançável para a humanidade da Terra. Desta forma, Kardec pressupôs a necessidade de uma ligação, uma forma de contato para que houvesse condições de ação, uma sobre o outro. Na terminologia kardequiana, perispírito engloba tudo que se encontra entre os dois polos citados.

Devemos ter em mente que no século XIX somente poderia haver comunicação caso houvesse uma estrutura física que ligasse dois pontos. O telégrafo, aparelho que possibilitava a comunicação à grandes distâncias surgiu em meados do século XIX ainda de forma muito localizada e limitada, em decorrência da necessidade da instalação de fios condutores que ligavam os aparelhos telegráficos.

Com este tipo de comunicação em mente surge uma forma de interpretar o papel fundamental do perispírito semelhante à conformação encontrada nas camadas da cebola, que se desenvolvem desde a região mais interna deste bulbo, envolvendo e sendo envolvida até aquela mais externa - a casca. Nesta configuração percebe-se a necessidade de um contato físico para a comunicação, tal qual o fio do telégrafo.

No século XX a comunicação tomou proporções, até então, inimagináveis - a comunicação sem fio (*wireless*, como é conhecido em inglês) dos mais diversos tipos. Os telefones fixos com fio já se tornaram obsoletos há muito, dando lugar para os telefones celulares, possibilitando comunicação instantânea com qualquer parte do globo, onde a mesma tecnologia esteja disponível.

Sob esta nova ótica, a interpretação do perispírito e, conseqüentemente, da comunicação mediúnica, necessitam ser revistas. O conceito deve ser o mesmo como apresentado por Kardec, apenas a interpretação estrutural precisa ser revista para melhor entendimento.

André Luiz (espírito), pela psicografia de Francisco C. Xavier, prevendo esta necessidade, antes mesmo do surgimento da tecnologia sem fio, trouxe uma interpretação diferente, tanto para o perispírito quanto para os processos envolvidos na mediunidade.

No livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz esclarece: “Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdivididos em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente”.

O "plano imediato à residência dos homens" serve de morada para o espírito desencarnado, assim, pode-se compreender que o corpo não é uma espécie de revestimento do perispírito, mas matéria em outra condição de existência que, por serem diferentes, pode coexistir no mesmo espaço sem haver interação direta, tal interação ocorrerá apenas nos denominados fenômenos mediúnicos.

O corpo perispiritual composto por um conjunto de corpos em cada condições de existência, desde a mais sutil até a materialidade da Terra, mantém um constante fluxo de comunicação que não ocorre por vias físicas, tal qual o fio do telefone convencional, mas por processos outros que podem ser comparados à comunicação sem fio (wireless), utilizando a comparação com o que se encontra disponível hoje à humanidade encarnada. Pode-se supor que estas vias de comunicação sejam realizadas por processos energéticos.

Similarmente, o desencarnado que deseja se comunicar através de um médium irá utilizar de uma via semelhante ao exposto. A diferença principal é que, nos caso dos encarnados, estas vias estão em ação ininterrupta, enquanto que, nos fenômenos mediúnicos, estas vias se estabelecem e se mantêm apenas durante o intervalo de tempo necessário para a comunicação.

Maio de 2016

Perispírito e Mediunidade

O perispírito apresenta particularidades das mais diversas, o que pode ser inferido do fato de se tratar de um veículo de expressão do espírito nas mais variadas condições de existência; em O Livro dos Médiuns, Kardec diz que: "Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis". Tão grande é sua importância que o espírito sempre manterá esta estrutura, apesar de se tornar cada vez mais diáfana, conforme o espírito evolui.

Segundo foi apresentado no artigo publicado no Jornal Correio Espírita de abril de 2016, foi abordado o papel do perispírito nos processos mediúnicos como sendo de natureza energética, os quais foram comparados à tecnologia utilizada em telefonia móvel, o telefone celular. Contudo, uma outra tecnologia também muito utilizada no dia-a-dia fornece material para melhor aprofundamento desta questão: a RFID (identificação por radiofrequência ou "radio frequency identification", em inglês).

Apesar de parecer algo muito complicado e muito distante do cotidiano, esta tecnologia já faz parte da vida diária em uma cidade, pois é utilizada em lojas como, por exemplo, para detectar se alguém tentar furtar uma peça de roupa ou pequenos equipamentos. Um pequeno dispositivo é preso na peça de roupa e, nas portas de saída das lojas, são instalados portais, ao tentar transpassar o portal com uma peça com o dispositivo anexado, um alarme soará, avisando aos funcionários que algo fora do normal está ocorrendo.

Outro uso para esta tecnologia, dentre muitas, é para automóveis passarem por pedágios ou estacionamentos, muito comum em "shopping centers", com pagamento automático, agilizando o tráfego.

A forma como esta tecnologia funciona é relativamente simples, por processo indutivo. A componente fixa e maior, tal qual o portal nas lojas, do sistema emite um campo forte magnético que, através de um processo de indução magnética, faz gerar na parte móvel, dispositivo fixado na peça, uma corrente elétrica que, por sua vez, alimenta um sistema de emissão de dados, informação, que será registrado e identificado pela componente fixa. No caso das lojas, o registro fará soar o alarme, no caso dos automóveis, o registro corresponderá aos dados do veículo para geração da cobrança.

A geração de eletricidade no dispositivo móvel é realizado através da indução do campo magnético em uma bobina, que consiste em um fio de metal, normalmente de cobre. Esta corrente elétrica se manterá enquanto a bobina estiver sob a ação do campo magnético.

Existem diversas outras particularidades sobre o funcionamento do sistema RFID, mas que não são relevantes para a finalidade deste texto.

André Luiz (espírito) sob a psicografia de Francisco C. Xavier, no livro Mecanismos da Mediunidade, apresenta os fenômenos mediúnicos sob uma abordagem de indução, e diz:

"Tanto quanto, no domínio da energia elétrica, a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contacto visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético."

Considerando os processos mediúnicos como de natureza indutiva, haverá o surgimento de uma corrente mental, ou fluxo de informação, através de um sistema que se manterá ativo durante o período do fluxo energético. Comparativamente ao sistema RFID, pode-se supor que exista na estrutura físico-perispiritual do médium algo como uma bobina, necessário para o estabelecimento da corrente.

Diversos equipamentos eletro-eletrônicos utilizam bobinas que são dimensionadas segundo a necessidade. Similarmente, pode-se supor que seja um "dispositivo" equivalente à bobinas que existem na estrutura mediúnica que será dimensionado segundo a potencialidade do médium estabelecido no processo reencarnatório. Contudo, sendo um "dispositivo" cuja natureza potencial é variável, poder-se-ia regular, dentro de certos limites estabelecidos na encarnação, conforme a necessidade, podendo ser aumentada ou, em casos extremos de necessidade, inclusive anuladas.

A variação do potencial mediúnico de um determinado médium é discutida em O Livro dos Médiuns, ao tratar da perda e suspensão da mediunidade, sem, contudo, apresentar o processo em si. Todavia, segundo informações recebidas por vias mediúnicas, o "dispositivo" estaria localizado na região intersticial entre o perispírito e o corpo físico, possuindo a possibilidade de ajustes segundo a necessidade.

É certo que ainda falta muito para o completo entendimento do perispírito e dos processos mediúnicos, contudo, o avanço do conhecimento possibilita cada vez mais o desenvolvimento de conceitos e teorias mais adequadas e viáveis, visando maior controle do médium nas comunicações e o entendimento daquilo que vivencia.

Junho de 2016

Ordens dos Espíritos e a Afinidade Psíquica

A história da humanidade apresenta as mais diversas abordagens para a existência de espíritos, o que seriam e como se apresentariam. Dentre os modos de interpretação do mundo espiritual que, de forma geral, todos trazem ao menos a suspeita de sua existência, é muito comum a crença em variados níveis, ou hierarquia, dos seres que ali habitariam. As diferentes características são comumente descritas como arcanjos, anjos, diabretes, demônios, etc., demonstrando uma distinção entre bons e maus em variadas graduações.

Visando esclarecer este tema de relativa complexidade em decorrência da impossibilidade de observação direta, na questão 96 de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta: “São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia?” E obtém como resposta: “São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.”

Depreende-se da resposta apresentada que há diferenciação entre os espíritos e, observando a diversidade de ideias e comportamento na humanidade do planeta, pode-se considerar que engloba tanto os desencarnados quanto os encarnados.

O ponto de partida para qualquer análise sobre os espíritos deve ser as características da Divindade, pois, sendo a causa primeira de todas as coisas, incluindo os próprios espíritos, deve nortear os estudos para o melhor entendimento deste e de tantos outros temas.

A consideração mais precisa possível sobre as características da Divindade é de tamanha importância que Kardec”, no livro A Gênese, a salientou dizendo o seguinte: “Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas e é por não se terem reportado a isso, como ao farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas”.

Desta forma, baseado na bondade e na justiça do Criador, não se pode considerar a possibilidade de seres privilegiados ou criação diferenciada para seus filhos. Na questão 804 de O Livro dos Espíritos fica claro que os espíritos são criados iguais, assim, a diferença existente entre os espíritos em geral e aquela que pode ser diretamente observada entre os encarnados deve ser decorrente de outro motivo, e não do processo da Criação.

Partindo do princípio que não se pode creditar à Deus a condição em que o espírito se encontra, que se traduzirá em entendimento e comportamento, esta deve ser decorrente de processos pertencentes aos próprios espíritos - as escolhas pessoais. Em outras palavras, as diferenças entre os espíritos são decorrentes do processo evolutivo em si.

Todavia, baseando-se na infinita bondade de Deus, não se pode considerar que a prática do mal e todas as consequências advindas sejam inerentes ao processo evolutivo em si, mas decorrentes das opções pessoais, isto é, o uso que fazem do livre arbítrio.

Sendo o mal, como mencionado, decorrente da decisão pessoal, pode-se partir do princípio de que deva haver algum tipo de mecanismo visando impedir que aqueles que não se empenham para o próprio aprimoramento e, com isso, pratiquem atos inadequados, perturbem aqueles que trabalham por se melhorarem. A afinidade psíquica, no sentido dos espíritos se agruparem segundo a correspondência de gostos, de atitudes e de sentimentos, seria uma necessidade para o bom funcionamento do processo evolutivo, tanto para aqueles que se comprazem no mal, por vivenciarem as consequências de suas próprias atitudes, quanto para os outros, que sintonizam com o bem, não serão afetados por comportamentos de rebeldia e insensatez.

A encarnação dos espíritos ligados ao planeta Terra, que se caracteriza, segundo os responsáveis pela Codificação Kardequiana, como um mundo de expiação e de provas, está relacionada com a afinidade. Isto significa que os espíritos deste mundo se encontram sobre a mesma condição, apesar das diferenças em gostos, tendências e preferências observadas.

Nesta abordagem, considera-se que exista algum ponto em comum entre todos os espíritos encarnados na Terra.

Encontra-se no Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo VII, intitulado Os Pobres de Espírito, a seguinte explicação: “Generaliza-se o mal-estar. A quem inculpar, senão a vós que incessantemente procurais esmagar-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes, sem mútua benevolência; mas, como pode a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar as funestas consequências.”

Desta forma, percebe-se que o ponto em comum que une todos os espíritos ligados ao mundo de expiações e provas no planeta Terra é o orgulho, cujo combate somente será efetivo a partir do autoconhecimento que visaria identificar todas as suas formas de expressão.

Julho de 2016
Os Demônios

Na conceituação comum atual, demônio é algo que assombra e causa temor e ansiedade nos mais variados graus, dependendo da crença pessoal. Todavia, não foi sempre assim.

Na Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec apresenta um resumo da doutrina de Sócrates e de Platão, filósofos gregos do século V A.C. e responsáveis por uma mudança de paradigma na filosofia, ao ponto de ser dividida em dois períodos distintos: Pré e Pós-Socrática. Verifica-se neste resumo que, na filosofia socrática-platônica, se utilizava a palavra “daimon”, da qual originou a palavra “demônio”, para designar espíritos em geral, bons e maus, em todos os estágios evolutivos, inclusive os atualmente denominados de “anjo da guarda” ou “espírito guardião”.

Apesar de parecer um pequeno detalhe, a melhor compreensão do que são os demônios em sua realidade passa a ser de fundamental importância para o entendimento de si próprio e da relação pessoal com espíritos desta natureza, por conduzir à certeza da transformação e que a oração surtirá efeito em todos os casos.

De forma geral, e não apenas neste caso, as palavras trazem o peso do significado que lhe é creditada por aquele que as utilizam, isto se trata de uma questão pessoal. Portanto, uma mesma palavra pode ter uma conotação negativa ou positiva, dependendo de como e por quem é utilizada.

Um bom exemplo desta questão é a palavra “morte”. Muitos acreditam que o seu uso pode trazer má sorte ou que seja um tema deprimente. Todavia, esta palavra somente descreve um processo natural pelo qual, invariavelmente, todo ser vivo irá experimentar em algum momento e o seu uso não adianta nem atrasa o evento.

Desta forma, não existe a necessidade de preconceitos e os temas podem e devem ser abordados sem receio.

Com relação ao tema principal deste texto, é preciso colocar os pingos nos i(s): em termos de seres inteligentes somente existe Deus e espíritos, portanto, os denominados demônios são essencialmente espíritos em determinado grau de entendimento sobre a sua própria existência.

No processo de Criação, os espíritos são criados iguais, o que pode ser apreendido de duas características básicas da Divindade: bondade e a justiça infinitas, não podendo, desta forma, haver privilégios. A total igualdade de seres inteligentes somente pode ser concebida na ausência de experiências e desejos, caso contrário, já não seriam iguais, pois, o simples fato de serem inteligentes já estabelece que haverá algum tipo de diferença no entendimento de uma vivência qualquer.

A criação de seres inteligentes iguais, mas fora da condição de simples e ignorantes, estabeleceria uma tendência preestabelecida, portanto, com o livre arbítrio comprometido, isto é, a liberdade de escolhas não seria total. Espíritos em um nível evolutivo ainda baixo não tem seu livre arbítrio limitado, como pode se pensar, porém, as

suas possibilidades de ação que estão limitadas em decorrência da falta de conhecimento necessário para vôos maiores. A limitação das possibilidades, como um processo natural, também se estabelece nos espíritos equivocados em decorrência de suas próprias escolhas e interesses. A limitação de ação, assim, não é imposição, mas consequência.

No livro *O Céu e o Inferno*, Kardec diz que "Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só... Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito."

A humanidade ligada à um planeta não é constituída apenas de encarnados, mas também de desencarnados e o processo evolutivo é válido para ambos os casos e sujeitos às mesmas regras de consequências dos atos.

Tomando o planeta Terra como exemplo, a humanidade abrange uma larga faixa de níveis evolutivos em constante troca de experiências, estando em contato muito próximo. O contato, portanto, é obrigatório, mas compartilhar interesses é opcional.

No artigo intitulado *Ordens dos Espíritos e a Afinidade Psíquica*, publicado no jornal *Correio Espírita* em junho de 2016, foi apresentado o ponto em comum dos habitantes da Terra: o orgulho. O contato entre espíritos com pontos em comum se faz necessário para que se possa dimensionar as consequências das opções, isto é, do livre arbítrio.

O orgulho, de uma forma ou outra, conduz à opções inadequadas para o espírito, isto é, ao mau. Desta forma, sob certo ponto de vista, todos os espíritos ainda ligados à um mundo de expiação e provas como a Terra apresentam uma parcela demoníaca, no conceito comum do termo, por infligir o mau à outrem.

Portanto, pode-se concluir que, em certas categorias de mundos, ser "demônio" ou não é apenas uma questão de referência. Todavia, não significa um estado permanente, todos se transformam e a prece é uma ferramenta fundamental que pode e deve ser utilizada para si mesmo e para outros.

Agosto de 2016

Níveis da Evolução

O estudo da Doutrina Espírita é, ao mesmo tempo, simples e complexo. É simples por ser uma doutrina essencialmente lógica; e complexa por tratar de questões que transcendem, em muito, a capacidade humana de entendimento por faltar conhecimento básico.

Dentre os temas que apresentam certa dificuldade para justa avaliação pode-se salientar a gradação evolutiva, ou as diferentes ordens ou níveis, em que se encontram os espíritos.

Em termos da humanidade, encarnada ou não, ligada ao planeta Terra, existem limitações concernentes ao conhecimento de outras variedades de existências, comportamentos muito diferentes daquele encontrado no ambiente em que vivem, neste ou em outro mundo. Esta limitação pode ser considerada como uma imposição relacionada ao tipo, ou características, desta mesma humanidade, isto é, que apresenta alto grau de orgulho e egoísmo que impede a ampliação mental necessária para enxergar além do próprio interesse pessoal e momentâneo.

Importa ressaltar que muitos não conhecem os diversos sistemas de governo e modo de vida em países outros que não seja o próprio; desconhecem, inclusive a história do país onde vivem. Com isso, comete-se os mesmos erros de outros locais ou de outras épocas, dificultando, com isso, a melhoria da condição social e política, mantendo-se em um ciclo sem fim. Com este tipo de ambiente sócio-cultural, os avanços são modestos, difíceis de serem alcançados e frágeis.

Assim, as questões que surgem são: Como apresentar uma ideia para a qual os ouvintes não possuem em seu arcabouço mental o conhecimento básico? No caso específico dos níveis evolutivos do espírito, como ser possível conceber que possa existir uma sociedade, ou humanidade, que não norteie suas ações no interesse pessoal e satisfação dos desejos momentâneos, sem disputas ou má conduta?

Nestas condições, a interpretação mais trivial, independentemente da forma como a ideia for apresentada, é considerar que apenas os privilegiados podem estar em condição melhor ou mais adequada. Como o Espiritismo demonstra que não existe espírito privilegiado em decorrência de uma “graça divina”, se considera que a felicidade, por exemplo, seria apenas uma condição dos “mais velhos”, os espíritos que “foram criados a mais tempo”, como se Deus - causa primária de todas as coisas - estivesse sujeito a algum tipo de fluxo temporal.

Na questão 96 d'O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta se os espíritos são iguais ou há distinção, hierarquicamente falando; a resposta demonstra que existe diferença relacionada com o grau de perfeição que tenham alcançado. Contudo, não há menção à “idade” ou época de criação.

Um grau de perfeição maior ou menor não, necessariamente, estaria relacionado com tempo, mas com dedicação e empenho, por exemplo.

Desta forma, em linhas gerais, os espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana apresentaram uma abordagem didática para o entendimento do estado ao qual o espírito pode alcançar. Na questão 97, ainda n'O Livro dos Espíritos, é apresentada uma divisão em três níveis definidas da seguinte forma: “Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.”

Tem-se, desta forma, uma distinção toda baseada em questões morais e, mais ainda, é salientado que os espíritos de terceira ordem, pelas suas próprias características retardam o processo evolutivo.

Deve-se, portanto, analisar o grau evolutivo do espírito abstraindo-se da “idade”, mas segundo sua postura diante da própria existência e da do próximo. Assim, não se considera a questão do tempo para passar de um nível para outro, mas pela alteração desta postura que viabilizará o processo.

Diante desta possibilidade, o atendimento à espíritos desencarnados que se encontram no equívoco, muitos atuando como obsessores, poderão, em um atendimento adequado, abandonarem um determinado comportamento para se dedicarem à uma nova etapa.

Pode-se dizer que o fato de haver, no meio espírita, uma atividade voltada exclusivamente para o atendimento de espíritos em condição equivocada, voltados, ainda, para atividades de cunho negativo, denota o entendimento de se tratar de um estado transitório. Tal entendimento não é encontrado em outras vertentes de pensamento ou religiosas, nas quais se encontram práticas apenas para afastar ou expulsar espíritos maus.

Tomando a humanidade terrena como referência e recorrendo ao artigo intitulado Os Demônios, publicado no Jornal Correio Espírita em junho de 2016, ser “demônio”, no sentido de espírito equivocado, ou não é apenas uma questão de referência sem, com isso, significar um estado permanente, onde a transformação será sempre possível a qualquer momento.

Setembro de 2016

Bem, Mal e Ignorância

Perfeição e imperfeição são termos que somente fazem sentido quando empregados para fins comparativos, isto é, o perfeito somente o é quando comparado com o imperfeito e vice-e-versa. Na ausência da polaridade, em um estado único de existência, não se concebe qualquer tipo de comparação.

Similarmente, as expressões “bem” e “mal” são utilizadas para expressar dois polos de um sistema desenvolvido para o entendimento de criaturas cuja existência é definida pela polarização, tal como dia e noite, claro e escuro, passado e futuro, sendo possível uma gradação infinita entres os extremos que, muitas vezes, não é sequer percebida.

Pode-se, então, supor que a humanidade da Terra apenas é capaz de elaborar pensamentos baseados em sistemas comparativos, encontrando dificuldades de compreender conceitos absolutos. Este padrão mental é ainda tão forte e proeminente que imprime sua característica na própria estrutura material em que se expressa - o universo não é absoluto, mas relativo.

Tempo e espaço eram considerados como sendo absolutos pela Mecânica Newtoniana, mas, estes conceitos foram substituídos pela Teoria Quântico-Relativista que descreve o universo material de forma mais realista. Em artigo intitulado Espaço Universal, publicado no jornal Correio Espírita em agosto de 2014, foi discutida a distinção entre o Universo Criado por Deus, o qual podemos considerar como absoluto, e o universo estruturado pelos espíritos constituído por pólos distintos permeando toda a estrutura.

Em O Livro dos Espíritos encontra-se valiosa informação sobre o tema principal deste artigo. Na questão 120 tem-se o seguinte: Todos os espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem? Tendo como resposta: “Pela fieira do mal, não; pela fieira da ignorância.”

Observa-se, pela resposta apresentada, que a experiência do mal em si, como apresentado anteriormente, por não ser um necessidade fundamental, é um fator relativo e que está relacionada com o entendimento. Aquilo que é considerado como bem e mal se altera conforme a época e os costumes. Todavia, pode-se pressupor que a ignorância seja um fator absoluto por se tratar de uma condição fundamental para o espírito e que estaria em contraposição com a onisciência creditada à Deus.

Diante do exposto, poder-se-ia dizer que a imperfeição também seria um fator absoluto pela contraposição à perfeição de Deus. Contudo, a análise deve ser outra, pois encontra-se, no livro A Gênese, no Capítulo III - Item 1, importante análise de Kardec sobre a divindade: “Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede há de participar dos seus atributos, porquanto o que é infinitamente sábio, justo e bom nada pode produzir que seja ininteligente, mau e injusto.”

Pela terminologia utilizada por Kardec para descrever Deus, dentro das limitações a ele impostas pela linguagem e conhecimento compatível com um mundo de expiação e provas, verifica-se que tenta Lhe atribuir características absolutas, pois os termos "todo" e "infinitamente" definem um grau máximo de qualidades. Sendo Deus único, não há meios de comparação, portanto, não pode ser relativo e ao qual o espírito não pode ser comparado.

Outro ponto importante, ainda neste mesmo segmento de texto extraído do livro A Gênese, é que tudo que Deus faz compartilha, de alguma forma, de seus atributos. Assim, sendo o espírito Sua Criação, há de trazer em sua essência, as características da divindade. Sob certo aspecto, esta abordagem pode ser conflitante.

Ainda em outro artigo, intitulado Espírito, publicado em abril 2014, no mesmo jornal citado anteriormente, apresentou-se uma abordagem do espírito como sendo uma estrutura com funções, assim, pode-se estabelecer a distinção entre estrutura e conteúdo.

A estrutura, Criação de Deus, compartilha de seus atributos, contudo, enquanto conteúdo (material psíquico) é preciso evoluir, pois, caso fosse atribuído conteúdo no processo de Criação, não haveria diversidade, mas produção em massa de "produtos" iguais em todos os sentidos.

Assim, para haver diversidade de gostos e interesses, é necessário que o conteúdo seja elaborado paulatinamente, fundamentado em experiências e aprendizados, desenvolvendo interesses, gostos e preferências, estabelecendo uma teia de relações com cada um contribuindo para um todo, preenchendo vacâncias e sugerindo alterações para o aprimoramento desta mesma teia como um todo dinâmico e pulsante.

O ponto de partida para um desenvolvimento pessoal para o indivíduo, mas decorrente da dependência relacional da totalidade, somente pode ser a falta de conteúdo que é denominada de "ignorância" - condição fundamental para o espírito.

Bem e mal são escolhas decorrentes do livre arbítrio, pólos de um comportamento relacional inadequado que um dia desaparecerá, ao passo que a ignorância é um estado do espírito que sempre se manterá, pois o espírito criado não poderá alcançar a onisciência do seu Criador.

Outubro de 2016

Origem e Perfeição do Espírito

Para muitos espíritos, sendo incapazes de compreender questões atemporais, é mais viável entreter uma visão fatalista e, com isso, consideram a condição de espírito puro como a etapa última deste processo ou, dependendo da vertente de pensamento, consideram que a condição que se encontrarão no futuro será determinada no momento da morte do corpo físico. Contraditoriamente, há a aceitação, com relação à própria existência do espírito, de que haveria um início - o momento da Criação - sem que, com isso, haverá um término.

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que se considera a existência de um processo com um final, também se crê em um processo associado ao primeiro no qual não existiria um fim.

Esta contradição pode ser explicada pelo anseio tanto da felicidade quanto da imortalidade. Na visão espírita, o conceito de espírito puro está atrelado à condição de felicidade plena e, em mundos de expiações e provas, apenas a transitoriedade das coisas já é motivo de sofrimento em decorrência do apego nas suas mais diversas expressões¹.

Ainda sob uma análise temporal, não sendo possível alcançar a perfeição absoluta, condição exclusiva de Deus, o processo evolutivo para o espírito não deve ter um fim. Sob este prisma, o espírito sempre vivenciará a transitoriedade das coisas, isto significa que seu universo se manterá em constante mudança.

Desta forma, o que caracterizaria um espírito em sua origem, isto é, no “momento da sua Criação” e a condição de espírito puro? Deus, em sua infinita bondade, o verdadeiro Pai, tal como Jesus O apresentou, criaria espíritos infelizes para alcançar a tão almejada felicidade apenas após um processo extremamente longo?

Deus e espíritos, enquanto tais, não estariam sujeitos ao tempo, a sujeição observada é uma condição em que se encontram espíritos com características bem específicas, tais como aquelas compatíveis com um mundo de expiações e provas. Portanto, uma avaliação temporal para o processo evolutivo conduzirá, forçosamente, à limitações de análise e de entendimento.

Abstraindo-se da interpretação em que o tempo permeia todos os fenômenos e processos, a evolução espiritual pode ser analisada sob a premissa de condição em que o espírito se encontra, e não em termos de idade. Nesta abordagem, a felicidade pode sempre ser vivenciada, independentemente do nível em que se encontre na escala evolutiva.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo consta uma mensagem intitulada “A Felicidade Não é Deste Mundo”² que é, infelizmente, muitas vezes difundida como não sendo possível, aos habitantes do planeta Terra, alcançar estados de felicidade.

François-Nicolas-Madeleine, autor do texto citado, não se refere à fatalidade de uma existência infeliz, muito pelo contrário, ele apenas relata os procedimentos

equivocados, comumente adotados pelos encarnados, na busca da tão sonhada e propalada felicidade; deixa claro que o ponto principal, o motivo de tantos desenganos, é o desconhecimento da real necessidade do espírito ao dizer: “o em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não tem a guiá-lo a ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções”².

Após estas considerações e na busca de respostas para as perguntas apresentadas anteriormente, pode-se chegar a algumas ilações interessantes sobre o tema em análise:

1. Na sua origem, na condição de simples, pode-se supor que o espírito seja despojado de desejos e interesses pessoais. Se reconhecendo como parte integrante de um sistema Divino em decorrência das Leis estarem gravadas em sua consciência³, sente que necessita se comportar como parte mantenedora da saúde do sistema, ciente que deste mesmo sistema também depende sua própria saúde;

2. Um espírito elevado, que atingiu certo grau de perfeição, se reconhece como parte da Criação, sabedor dos seus deveres para com o objetivo da Criação;

3. Nestes dois, por assim dizer, extremos, pode-se supor que exista a diferença sobre o alcance da visão e do entendimento do que significa ser “filho de Deus”, todavia, há equivalência daquilo que se almeja e dos meios utilizados. A estrutura mental de ambos se ocupa com conteúdos equivalentes que, por serem salutares, mantém o equilíbrio e saúde mental, conduzindo à felicidade nos dois casos;

4. Para espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas, nos quais os conteúdos mentais são “contaminados” com interesses incompatíveis com o objetivo da Criação, a felicidade pode ser impossível quando se considera a coletividade como um todo. Todavia, o espírito, enquanto individualidade, deve trabalhar pela conquista da própria felicidade ainda neste mundo.

Notas bibliográficas:

1. Divaldo Franco (Joanna de Ângelis); Plenitude; Livraria Espírita Alvorada Editora; 9ª edição; pg. 22.
2. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo; Cap. V - item 20.
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; Questão 621.

Novembro de 2016

Objetivo da Encarnação

A necessidade de um ciclo de experiências "dentro" e "fora" de corpos carnis, como se conhece na crosta terrestre, é aceito por algumas vertentes de pensamento. Apenas para citar dois exemplos, no Espiritismo é denominado de reencarnação, enquanto que no Budismo é tido como ciclos de nascimento e morte. Apesar de não representarem exatamente a mesma ideia ou conceito, pode-se estabelecer um certa equivalência entre ambos.

Contudo, encarnação deve ser tratada de forma distinta de reencarnação, pois se uma dada vertente de pensamento considera a reencarnação, como citado anteriormente, outras, tais como algumas religiões Cristãs, mantém a crença de uma única existência corporal, cujo início é concomitante com a criação da alma. Nesta abordagem, estado de ventura ou sofrimento, isto é, o destino do espírito no pós-morte, para todo o sempre, é selado nesta existência.

O objetivo da encarnação é abordado n'O Livro dos Espíritos em apenas três questões¹. Todavia, este tema é complexo, requer atenção e necessita ser correlacionado com outros pontos constantes na Codificação Espírita para que se possa elaborar um entendimento mais completo e formar um corpo de ideia a este respeito.

Importa ressaltar que é necessário a abstração do modo como a encarnação é conhecida na crosta terrestre, com as características necessárias para um mundo de expiações e provas, para considerar a encarnação de forma geral, incluindo outras condições de mundos e de corpos físicos que não necessariamente seja carnal.

Na questão 132¹, na qual Kardec pergunta sobre o objetivo da encarnação aos espíritos, a resposta obtida é longa, mas logo no início dizem que é para "fazê-los chegar à perfeição" e que, para isso, é necessário "sofrer todas as vicissitudes da existência corporal" e que "nisso é que está a expiação". Pode-se, portanto, supor que todos os espíritos estariam sujeitos à expiação.

Contudo, como imaginar um processo evolutivo elaborado por Deus, infinita bondade e justiça, em que processos expiatórios seriam uma fatalidade para os espíritos? Percebe-se, assim, que esta questão necessita de aprofundamento.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, com relação aos mundo de regeneração, encontra-se o seguinte: "Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal... Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada²."

Pelo seguimento de texto apresentado, tem-se que o espírito, no seu início, é ignorante do bem e do mal, portanto, não há necessidade de se regenerar. Uma discussão a este respeito foi apresentada no artigo Bem, Mal e Ignorância³.

Verifica-se, ainda, que o espírito é dotado de amplas faculdades de praticar o bem e, sendo uma Criação direta de Deus, deve-se considerar que, na sua origem, não possua nenhuma faculdade para praticar o mal. Desta forma, a lógica diz que praticar o mal não pode ser uma fatalidade para o espírito. Sob a ótica Espírita da bondade infinita do Criador, não existiria a possibilidade de se considerar um processo evolutivo em que o espírito precisaria desenvolver faculdades para praticar o mal e, depois, necessitar de processos de depuração para não mais o praticar. Tal processo seria altamente contraproducente.

Encontra-se, ainda no mesmo seguimento de texto extraído do livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, a seguinte expressão: "Mas, ah! há as que sucumbem"². Pode-se concluir que, se há os espíritos que sucumbem, haverá também os que não sucumbem. Assim, a lógica diz que a depuração através da expiação é para os que sucumbem.

Desta forma, verifica-se a necessidade de se considerar possibilidades encarnatórias diversas daquela conhecida. A sequência das perguntas em O Livro dos Espíritos sobre o tema em análise demonstra que Kardec estava ciente disto, tanto que as duas outras perguntas estão relacionadas com aqueles que não sucumbem¹:

133. Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

"Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito."

133 a) - Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?

"Chegam mais depressa ao fim. Demais, as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos."

Verifica-se que as atribuições e expiações não são inerentes à encarnação propriamente dita, mas ao comportamento do espírito e sua relação com os outros. Somente através do amor, sem expressões de ódio, egoísmo e orgulho, é que a vida se torna sem aflições e, conseqüentemente, com menos enfermidades e com menor gravidade das que conhecemos na Terra.

A isenção completa de imperfeições, conduz à isenção também completa de aflições. Entre a isenção completa e o grau máximo de imperfeições que um espírito pode chegar existe uma gradação infinita de níveis aflitivos para o espírito encontrar material para sua depuração. A condição de pouca ou nenhuma imperfeição pode ser alcançada

pelo espírito em qualquer nível, tal como apresentado no artigo intitulado Níveis Evolutivos⁴.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos; Questões 132, 133 e 133a.
2. ____; O Evangelho Segundo o Espiritismo; Cap. III, item 16.
3. Claudio C. Conti; Bem, Mal e Ignorância, Jornal Correio Espírita, setembro de 2016.
4. ____; Níveis Evolutivos, Jornal Correio Espírita, agosto de 2016.